



UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - UNIGRANRIO
Escola de Ciências, Educação, Letras, Artes e Humanidades
Programa de Pós-graduação em Humanidades, Culturas e Artes

FIGURAÇÕES DO NEGRO NAS POESIAS DE CUTI

RENATA FELICIO MAIA



**Programa de Pós-Graduação em
Humanidades, Culturas e Artes**

Duque de Caxias
Maio/2019

FIGURAÇÕES DO NEGRO NAS POESIAS DE CUTI

Dissertação apresentada ao **Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes** da **Universidade do Grande Rio** como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de **Mestre**.

Área de Concentração: **Literatura**

Orientador
Prof. Dr. Idemburgo Pereira Frazão Félix
Prof. Adjunto do Programa de Pós-Graduação em
Humanidades, Culturas e Artes Universidade do Grande Rio

CATALOGAÇÃO NA FONTE/BIBLIOTECA - UNIGRANRIO

M217f Maia, Renata Felício.

Figurações do negro nas poesias de Cuti / Renata Felício Maia. - Duque de Caxias, 2019.

87 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2019.

“Orientador: Profº Idemburgo Pereira Frazão Félix”.

Bibliografia: f. 87- .

1. Educação. 2. Negros na literatura. 3. Cuti, Luiz Silva, 1951- - Crítica e interpretação. 4. Racismo.
5. Identidade racial. I. Félix, Idemburgo Pereira Frazão. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”. III. Título.

CDD – 370

Renata Felício Maia

FIGURAÇÕES DO NEGRO NAS POESIAS DE CUTI

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) da Universidade do Grande Rio como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre.

Aprovada em 17 de abril de 2019, por:

Prof. Dr. Idemburgo Pereira Frazão Félix (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Fabiana Bazílio Farias
Membro interno

Prof^a Dr. Rosane Cristina de Oliveira
Membro interno

Prof. Dr. Renato Nogueira dos Santos Júnior
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Duque de Caxias
Maio/2019

Dedico este trabalho à minha família e aos meus alunos, fonte de incentivo e inspiração durante todo o processo de formação e construção desta dissertação.

A literatura negra brasileira como fenômeno estético tem contribuído como um instrumento de reflexão e registro das lutas de diversos setores sociais. No combate ao racismo e no contexto da educação formal torna-se uma ferramenta, também indispensável, aliada a outros procedimentos para a educação das relações étnico-raciais. (GONÇALVES, 2014, p.49)

AGRADECIMENTOS

À Deus, em primeiro lugar, pela sabedoria, pela saúde e pela força para dar prosseguimento aos meus estudos e me tornar vencedora em meio a tantos obstáculos desde minha infância.

Aos meus pais, em especial a minha mãe Rita Alves Mendes, que sonhou em me ver Mestre, e hoje comemora minha conquista e ao meu pai Paulo Felício (*in memoriam*). Preciso deixar minha gratidão aos meus ancestrais, em especial minha avó Laura Alves Mendes [*in memoriam*], aquela que me inseriu no mundo encantado da leitura, dos contos e causos que me contava em minha infância, a maior incentivadora ao mundo das letras e das histórias.

Ao meu marido Rogério Fernandes Maia, meu amigo, meu parceiro e amor da minha vida, ao meu filho Renan Felício Maia que compreendeu toda a minha ausência e sempre me apoiou, a minha bebê Rebeca que está a caminho, surgiu me surpreendendo e acabou sendo um presente nesse mestrado. É a vocês que dedico esse título.

À minha amiga Darlene Camargo, que me orientou e me ajudou ao longo deste curso, torceu e torce por mim.

Ao meu orientador, Prof. Idemburgo Frazão, e à minha professora Vanessa Teixeira, por fazerem parte da minha trajetória acadêmica desde o processo seletivo. Obrigada!

RESUMO

MAIA, Renata Felício. Figurações do negro nas poesias de Cuti. Orientador: **Idemburgo Pereira Frazão Félix**, Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Humanidades, Culturas e Artes - PPGHCA - UNIGRANRIO, 2019. Dissertação de Mestrado. p.89.

Esta dissertação tem como objetivo refletir sobre aspectos referentes à identidade negra no Brasil, a partir da interpretação de textos do escritor e professor Luiz Silva [*Cuti*]. A estratégia adotada nesse trabalho visa analisar obras do autor, tratando concomitantemente do processo de construção e legitimação de sua literatura. Dá-se ênfase, aqui, aos escritos referentes à imposição de respeito à herança cultural africana. A reflexão sobre o negro, a capacidade criativa e de pesquisa faz com que a obra literária de Cuti o insira entre os grandes escritores do Brasil. Ele criou uma obra que funciona como catalizadora de aspectos importantes da herança da cultura de matriz africana, servindo como referência no que diz respeito à literatura *negro-brasileira*. No presente trabalho apresentamos algumas reflexões sobre a influência de marcadores sociais na representação social do negro. Discutimos as consequências desses construtores sociais em torno do “corpo negro” e da construção de sua memória, assim como suas implicações na construção da identidade negra no Brasil. Além disso, apontamos para a importância das ações do movimento negro para campo educacional na luta e conquista de políticas públicas, como a lei n. 10.639/03. Sob essa perspectiva, tratamos da contribuição da educação na desconstrução de estereótipos, assim como da importância das *afro-brasilidades* na criação de possibilidades de intervenção no processo de formação identitária, para que as narrativas dominantes sobre o “ser negro” e sobre o “corpo negro” sejam desafiadas e construam um espaço educativo de ressonância para as histórias e identidades marginalizadas - ou não -, mas abordando aspectos identitários que os negros trazem em suas heranças familiares e pelos seus ancestrais, em contraponto às hegemonias e os dogmas de algumas religiões que não respeitam as heranças da tradição africana.

Palavras-chave: literatura negro-brasileira. Luiz Silva Cuti. Identidade.

ABSTRACT

MAIA, Renata Felício. Black figures in Cuti's poetry. Advisor: Idemburgo Pereira Frazão Félix, Rio de Janeiro, Postgraduate Program in Humanities, Cultures and Arts - PPGHCA - UNIGRANRIO, 2019. Master's Dissertation; p. 89.

This dissertation aims to reflect on aspects related to black identity in Brazil, based on the interpretation of texts by the writer and teacher Luiz Silva (Cuti). The strategy adopted in this work aims to analyze works by the author, dealing concomitantly with the process of construction and legitimation of his literature. Emphasis is placed here on the writings concerning the imposition of respect for the African cultural heritage. The reflection on the black, the creative and research capacity makes the literary work of Cuti put it among the great writers of Brazil. He created a work that acts as a catalyst for important aspects of the African matrix culture heritage, serving as reference for Black - Brazilian literature. In the present work we present some reflections on the influence of social markers on the social representation of black. We discuss the consequences of these social constructors around the "black body" and the construction of their memory, as well as their implications for the construction of black identity in Brazil. In addition, we point to the importance of the actions of the black movement to the educational field in the struggle and conquest of public policies, such as law n. 10,639 / 03. From this perspective, we discuss the contribution of education to the deconstruction of stereotypes, as well as the importance of Afro Brazilians in the creation of possibilities for intervention in the process of identity formation, so that the dominant narratives about "being black" and "black body" are challenged and construct an educational space of resonance to stories and identities marginalized or not, but addressing the identities that the blacks bring in their family heirs and their ancestors, in opposition to the hegemonies and dogmas of some religions that do not respect the inheritances of African tradition.

Keywords: black-brazilian literature. luiz silva cuti. identity. intolerance.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
Capítulo I - A CULTURA NEGRO-BRASILEIRA	15
1.1 - Cuti e a reflexão sobre o negro e a exclusão social	20
1.2 - Pensando na exclusão social	22
1.3 - Cuti, seu texto, sua luta	23
Capítulo II - A IDENTIDADE NEGRO-BRASILEIRA NA LITERATURA DE CUTI	30
2.1 - A identidade do Negro nas obras de Cuti	30
2.2 - O combate do estigma do Negro nas poesias de Cuti	48
Capítulo III - A POESIA DE CUTI COMO MECANISMO DE RELEITURA DO PALIMPSESTO DO PRECONCEITO	51
3.1-Territórios da Afro-Brasilidade	51
3.2- Análises das obras literárias de Cuti	54
3.3- Cadernos Negros, escritos de resistência	70
3.4- Nas entranhas e entrelinhas do corpo do texto do negro	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
OUTRAS FONTES	86
ANEXOS	88

INTRODUÇÃO

Com todos os olhares, experiências de vida e profissionais que obtive, bem como as relações que estabeleci ao longo de minha trajetória docente, meu olhar se voltou, muitas vezes, para as questões oriundas das relações etnicorraciais, em especial àquelas que se referem ao Negro. Compreendendo que somos todos frutos de uma sociedade preconceituosa e desigual para quem quer que seja: excluídos, pobres ou ricos, somos herança desta sociedade, e isso vai além de territorialidade e de espaço geográfico. Trata-se de questões mais profundas, de aspectos políticos, morais e religiosos:

[...] A literatura negro-brasileira, como a nomeio, não tem uma função específica. Costumamos relevar a política em detrimento de outros aspectos da vida, mas o sentido gratuito da arte literária empresta-lhe um amplo espectro de influência. No caso negro-brasileiro, por exemplo, o reforço da autoestima é um aspecto importante, pois a subjetividade de cada um de nós é alimentada por conteúdos culturais dos mais diversos.¹

Na citação acima, Cuti traz a importância da arte literária a favor de uma autoestima, que foi cerceada durante décadas pela política como pilar nos aspectos gerais da vida e da sociedade. Porém, a partir da literatura a subjetividade foi alimentada por conteúdos culturais diversificados, seja na arte literária, ou na música, na encenação etc.

Começou a surgir em meu íntimo, a partir da própria biografia da minha família e da vivência dentro de sala de aula a necessidade de pesquisar e discutir, a partir de vários prismas, a questão do negro no passado e no presente, trazendo à tona discussões referentes ao lugar de fala da mulher negra, ao papel do homem negro dentro da sociedade e a sua multiculturalidade por serem diversas suas contribuições quanto à religião, à dança, à culinária, à arte, dentre outras.

A ideia de trabalhar com a obra de Cuti surgiu dessa intenção de refletir sobre a maneira preconceituosa como os negros são vistos e tratados no Brasil e de possuir uma obra literária de qualidade e pouco conhecida do grande público. Trabalhando como

¹ CUTI, 2012. Disponível em <<https://litsubversiva.wordpress.com/category/geral/page/2>>

docente no serviço público desde 2000, foi o próprio cotidiano que começou a inquietar-me quanto às questões etnicorraciais. Minha formação em Literaturas (Letras-Português e Literaturas) em 2002 e meu envolvimento com a Literatura nas escolas onde trabalho com a disciplina de ILPT (Incentivo à Leitura e Produção Textual) serviu para impulsionar todo o meu estudo. O negro como tema dentro da vertente da literatura, em especial nas análises das poesias de Cuti, foi e é uma pesquisa singular quanto às questões relacionadas aos negros em nossa sociedade de um modo geral. O que é a Literatura Negro-Brasileira? Como Cuti aborda o negro na Literatura Negro-Brasileira? Será que “ensinamos” a Literatura Negro-Brasileira em nossas escolas? São questões que também nos chamam a atenção.

Posteriormente, quando ingressei numa sala de aula na rede da cidade de Nova Iguaçu no ano de 2007, como professora do segundo segmento em Literatura, passei a ter uma relação muito forte com questões etnicorraciais, em especial relacionadas às questões do negro. Quando já estava cursando o mestrado no ano de 2017, a proposta inicial de pesquisa versava sobre a literatura e a contação de histórias sobre a cultura e tradição do negro, como base da pesquisa. Depois me inclinei a um estudo relativo às escolas do campo. Mas recentemente, ao receber indicações de leitura textos e orientações sobre a obra de Cuti, passei a aprofundar as reflexões sobre a situação do negro no Brasil, utilizando os poemas do autor como corpus básico de trabalho. Daí aflorou em mim os laços que sempre possuí com a literatura e com a herança das culturas de matriz africana. Desse modo, essa dissertação também pretende abrir caminhos através das análises das obras literárias de Cuti para a reflexão e reconhecimento do valor do Negro em nossa sociedade através de sua diversidade cultural.

O objetivo geral do trabalho é investigar os estigmas relacionados ao negro no Brasil e refletir, a partir desses estigmas, as obras literárias de Cuti, espaço em que o autor utiliza sua capacidade artística a serviço da luta contra as desigualdades sociais e a favor das atitudes antirracistas em todas as suas esferas.

Inicialmente, destacaremos como se deu a construção desta dissertação e as razões pelas quais optamos pela problemática das análises das poesias de Cuti e algumas questões intrínsecas em sua literatura. Ao longo do primeiro capítulo, definimos o desenvolvimento do trabalho em si, criando comentários que, de maneira indireta, indicam como a

problemática da cultura negro-brasileira se dá, fazendo uma reflexão sobre Cuti na perspectiva do negro e sua exclusão social, analisando seus textos e sua luta.

Já no segundo capítulo, tratamos a identidade Negro-Brasileira na literatura de Cuti, a partir da interpretação dos poemas que servirão como um ponto de partida para a reflexão sobre identidade do negro nas suas obras, como forma de combate ao estigma do Negro em suas poesias. Iniciaremos tratando sobre a mulher negra como tema e o combate do estigma do negro.

O terceiro capítulo trata de aspectos específicos da obra *Cadernos Negros*, por representar um marco nos estudos sobre a identidade negra, culminando com análises das Obras Literárias de Cuti, a releitura e aprofundamento da interpretação nas poesias de Cuti e sobre os territórios da afro-brasilidade.

Capítulo I – A CULTURA NEGRO-BRASILEIRA

Dentro das escolas, na atualidade, pode se perceber uma reflexão acerca da introdução do ensino da História Africana e da cultura *negro-brasileira* nas salas de aula onde, na maioria das vezes – infelizmente - essas temáticas são inseridas sob a perspectiva da escravidão no Brasil. Os negros comumente não são reconhecidos pela sua importância na construção do país e nem valorizado pela sua contribuição fundamental na construção de novas nações. Essa dissertação vê importância em tratar de elementos ligados à cultura africana, principalmente no que tange a rituais, entidades e atualidades – (como o preconceito e a intolerância religiosa). Essa importância aumenta quando testemunhamos nos últimos anos a violência em vários aspectos da vida de negros e negras no Brasil.

Uma das questões que de imediato salta aos olhos no que diz respeito à trajetória dos negros na sociedade é a problemática da escravidão. O senso comum parece entender que há uma relação direta do negro com o flagelo da escravidão. Torna-se importante, então, à guisa de abertura para outras discussões mantidas por Cuti, direta ou indiretamente em seus escritos, fazer um rápido comentário sobre a palavra escravizado. É preciso ter clareza sobre o trabalho escravo, numa dimensão mais ampla. Os descendentes de africanos eram obrigados a viver e conviver de forma desumana e degradante. Mas, como se sabe, não houve escravidão apenas no Brasil e não apenas negros foram escravizados.

A palavra escravidão não foi inventada a partir da deportação dos africanos e de sua escravização em outros continentes. Trata-se de uma prática antiga na história da humanidade. Textos bíblicos e escrituras santas falam da escravidão dos israelitas no Egito antigo, onde trabalhavam nos rebanhos dos faraós. Tem-se eco do trabalho escravo nas literaturas sobre antigas civilizações egípcia, grega e romana (MUNANGA E GOMES; 2016, p. 24).

A citação de Munanga e Gomes (2016) reforça o que sempre soubemos ou imaginávamos sobre o que é ser um corpo ou ser escravizado; não se é escravizado por opção e sim por uma condição imposta do dominador sobre o dominado. Cabe lembrarmos na antiga história dos reis e faraós a difícil situação em que pessoas eram presas e as transformadas em seres escravizados até a morte, ou até mesmo conseguirem fugir.

Os textos de Cuti trazem à tona discussões sobre os estereótipos e pessoas estigmatizadas, associando-as aos seus descendentes ao longo da história. Comumente os termos pejorativos fizeram com que os estereótipos fossem títulos de alguns poemas de Cuti, e os mesmos nos auxiliaram na questão sobre vida – morte de quem os recebe. Os adjetivos tornaram-se signos que criaram a segregação étnica na linguagem, basta observar que não há antonímia para denominar as pessoas de pele branca, onde ao contrário sempre encontraram antônimos para se referirem as pessoas de pele negra.

As obras literárias de Cuti são um alerta que nos chama a atenção para percebermos a importância relacionada às críticas textuais, onde o autor atenta para os perigos da linguagem e da utilização de alguns termos de forma explícita ou implícita em suas poesias. De forma clara, Cuti utiliza estratégias textuais ressignificando textos e expressões estigmatizadas para tratar o negro. Desta forma, faz surgir armadilhas linguísticas e sociais como em *Batuque de Tocaia*: “E pensar... comigo...” quando ele afirma

Há autores negros preocupados com a metalinguagem, a estrutura do texto, a construção das palavras. Não podemos ser ingênuos. A língua não foi estruturada de modo a facilitar o trânsito de nossos sentimentos e ideias, com facilidade. O código tem toda uma série de armadilhas, nas quais caímos por vezes. Precisa ser mexido, alterado, manipulado com a máxima destreza possível, o que implica lucidez e desconfiança. É a linguagem. O fazer é quem garante que os ‘nós’ do código sejam desfeitos. Já contamos com neologismos, experiências estruturais novas, ousadas inusitadas com base na nossa experiência de negros. Arte é a liberdade de pesquisa, antes de tudo “. (CUTI, 1987, p. 156).

As armadilhas que aparecem quando lemos na poesia a palavra *negro*, temos a impressão de que o escravizado o é por opção, mas sua condição não o permite escolher, ele é escravizado e não o deseja ser. As pessoas são tornadas escravizadas e, dessa forma, passam a fazer o que seu dono ou senhor lhe ordena. No imaginário ocidental, principalmente no infantil, a partir da educação tradicional, fica a impressão de que já se nascia escravizado, quando se nascia negro. Não é uma opção ser escravizado, e sim uma imposição, como se afirma aqui, onde o escravizado não tem a opção de escolha, devido à submissão, sob a ameaça de castigos ou a própria morte, caso não acate as ordens que lhe são dadas. A palavra *escravizado* nos remete a um sentido pejorativo e preconceituoso.

Estes preconceitos foram desenvolvidos e construídos ao longo dos anos, durante séculos. Vale lembrar que o Brasil foi um dos últimos ou, quiçá, o último país a abolir a escravidão.

Na nossa cultura, há imagens e palavras referentes a *negros* impregnadas de sentido negativo na linguagem e que, ao longo do tempo, passaram para o imaginário social, incorporando, por consequência, o vocabulário comum usado no dia a dia.

O texto também denuncia a postura de muitos escritores negros que não assumem sua identidade étnica em seus projetos literários. Talvez isso aconteça por influência da expectativa de recepção orientada pelo leitor, na maioria das vezes, branco ou pelo discurso da “universalidade” da literatura. Pode até ser que arte não tenha cor, gênero, classe social, mas autores os têm! (OLIVEIRA, 2007. p.146)

Desse modo, os negros se unem por laços de interesse, compartilham um passado, constroem e reconstróem suas culturas e propõem uma nova ordem social que garanta plenos direitos à cidadania. Nesse contexto, cabe à escola difundir as culturas produzidas por esses grupos, tornando-os visíveis e reconhecidamente produtores de saberes relevantes para a vida social da nação (GONÇALVES; 2014, p.17).

Os interesses em comum fazem com que pessoas construam e reconstruam suas culturas, em se tratando dessa dissertação, os negros difundem suas culturas através de grupos e daí as mesmas vão se tornando reconhecidas em outros ambientes e outros povos, sendo assim relevantes para a nação, propondo uma nova ordem social que garanta seus direitos à cidadania.

Diante disso, observamos também uma atenção especial à construção de sentidos, intentando desconstruir os estigmas sociais associados à palavra *negro*. É preciso reconstruir a trajetória e as perspectivas desse sujeito que sobreviveu à escravidão. É fundamental que se aponte para a importância dos movimentos de resistência, para o enfrentamento dos embates promovidos pelas desigualdades sociais e raciais. Primeiramente, a estratégia adotada tende a ser a *ressemantização* do signo *negro* assim como a revisão de seus sentidos, a fim de se possibilitar o surgimento de um outro olhar sobre ele”:

Falar-se de boca cheia: negro sem fugir do compromisso com os mortos e com os vivos,...
[...]

... falar sem receio a palavra negro e sorver em seu seio o verdadeiro conteúdo de ser na vibração dos tambores plena de resistência e luz
[...]
... falar com amor: negro e mascar a intriga como se fosse um chiclete
[...]
... fazer uma bola e ploft! Cuspir fora para adubar a aurora que desfaz o desprezo enquanto cada braço faz do tronco de suplícios brotar alimentos e flores (CUTI, 1987, p. 26-27).

Segundo Abdias do Nascimento, a publicação *Cadernos Negros*, fundada por Cuti e outros autores, são a expressão de excelência do Movimento Negro, atravessam o milênio com a grandiosidade de terem sido uma das mais importantes marcas da cultura e da luta do povo negro deste século [XX].

É uma iniciativa de resistência que revigorou e ainda revigora o *quilombismo*, que permitiu ao coletivo afrobrasileiro organizar-se num cenário tão devastado pela violência proveniente da escravidão e do racismo. João Batista de Jesus Félix² afirma, na orelha da edição número 24 dos *Cadernos*, que eles são:

Uma iniciativa de escritores negros militantes que obteve bastante sucesso junto à sua população-alvo, não obstante o enorme percentual de analfabetismo entre os negros e mestiços brasileiros. Apesar de seu êxito, as editoras comerciais procuram ignorar olímpicamente este fenômeno. Felizmente, os organizadores dos *Cadernos Negros* vêm demonstrando que, apesar das dificuldades inerentes à sociedade hostil aos não-brancos, é totalmente possível mantermos vivas, com nossos próprios recursos, as nossas iniciativas político-culturais (CUTI; 2001, p. 1).

Com a aprovação da Lei Federal N°10.639/03, que altera as diretrizes curriculares da Educação Básica para incluir conteúdos sobre História da África e das Culturas Afro-brasileiras, esses estudos tornaram-se obrigatórios. Mas, na prática, isso tem se dado de forma interdisciplinar, uma vez que não há uma disciplina nem professor específico para estes conteúdos, cabendo aos professores das demais disciplinas inserirem-nos em seus planejamentos regulares.

² João Batista de Jesus Félix é militante do grupo "Fala Negão", professor de História Geral do CCE "Paulo Freire" e doutorando em Antropologia Social pela USP.

Estes conteúdos auxiliariam na difusão do conhecimento e importância da herança cultural africana na construção e na formação da sociedade brasileira, para a cultura, a música, a culinária, a dança, as ideias - e não apenas para a religião. Pela educação e pela arte se pode mostrar que as nuances da cultura herdada dos ancestrais africanos fazem parte do nosso dia a dia. E, por isso, é determinante que sejam respeitadas e valorizadas em nossa cultura. Aspira-se à valorização do negro como sujeito histórico dessa cultura tão miscigenada e, por isso, tão rica.

A Lei 10.639/03 também instituiu o dia 20 de novembro como “O Dia Nacional da Consciência Negra”, que será um dia voltado para a luta contra o preconceito racial. A partir desse cenário, como trabalhar com essa temática em sala de aula?

O ensino da História e das Culturas Afrobrasileira e Africana, após a aprovação da Lei 10.639/03, fez-se necessário para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. Portanto, os professores exercem importante papel no processo da luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil. (CARVALHO, s.d.)

Aqui, a *interseccionalidade* é entendida como o cruzamento dinâmico de múltiplos fatores, que vai determinar o grau de vulnerabilidade de mulheres e homens, negros ou não, na sociedade brasileira. Esse conceito nos permite examinar e visualizar como processos de desigualdade se configuram, na medida em que distintos fatores [transformados em eixos de subordinação] como o pertencimento racial/étnico e de gênero, a condição de classe, a orientação sexual, idade, condição e local (ou região) de moradia, dentre outros, somam-se, produzindo situações desiguais e excludentes para determinados grupos em todos os campos da vida social, afetando drasticamente suas condições materiais, culturais e simbólicas (WERNECK; 2002, p. 75)

Um material importante sobre a história da África, que os professores poderão utilizar como suporte teórico para a compreensão da diversidade étnica que constitui o continente africano, é a coleção História Geral da África, que tem aproximadamente dez mil páginas, distribuídas em oito volumes. Criada e reeditada por iniciativa da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a coleção aborda desde a pré-história do continente africano até os anos 1980, e está disponível para download gratuito (<http://www.dominiopublico.gov.br>.)

1.1. Cuti, a reflexão sobre o negro e a exclusão social.

Esse exercício surge a partir dos seguintes questionamentos: como refletir sobre a trajetória artística de inclinação política e social nas poesias de Cuti? Quais são, aqui, os aspectos inerentes aos movimentos negros e literários? Como estes movimentos tentam apresentar esse poeta e escritor como um autor preocupado com o protagonismo do negro dentro de um sistema social, político e econômico tradicional excludente? Como pensar na problemática da vivência do negro no Brasil e sua exclusão social, a partir do pensamento de Cuti exposto em suas obras?

Na perspectiva de uma educação inclusiva e politicamente correta no Brasil, encontraremos um consenso entre diversos historiadores, quando caracterizam a democracia de forma limitada e uma cidadania restrita. Mas essa definição não começa somente pelo Brasil; ela vem desde o continente africano, onde o negro teve sua cultura, história e memória usurpadas de uma forma absurda e inacreditável, porém real.

A África tem uma história. Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de cônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro (SILVÉRIO, 2013, p.17)

Na citação de Silvério (2013) podemos compreender o motivo do descaso e da desvalorização da cultura e dos povos do continente africano. A justificativa do presente e do futuro acaba sendo desmascarada através da opressão que o continente africano foi subjugado chegando até mesmo ao caos.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar os entraves enfrentados pelo negro de uma forma geral, mas em especial dentro da análise das poesias de *Cuti*. Dessa maneira, a pesquisa visou refletir sobre aspectos referentes a identidade negra, com ênfase na possibilidade de utilizar o pensamento do escritor e professor Luiz Silva *Cuti* sobre a cultura de Matriz Africana.

Fazer reflexões sobre a identidade do negro - aqui problematizada nas obras literárias de Luiz Silva – intento igualmente analisar essas obras tratando concomitantemente do

processo de construção e legitimação de sua literatura. Pode-se assim desvelar os estigmas que foram criados em torno da palavra *negro*. O autor utiliza sua capacidade artística a serviço da luta contra as desigualdades sociais e a favor dos movimentos antirracistas em todas suas esferas, trabalhando entrelaçadamente com elementos inerentes à Lei Nº. 10.639/03, ampliando reflexões sob o contexto contemporâneo.

Desconstruir estereótipos é uma das contribuições da obra de *Cuti*, quando ele aponta para a importância das *Afro Brasilidades* na criação de possibilidades de intervenção no processo de formação identitária. Isso faz com que as narrativas dominantes sobre o *ser negro* e do “corpo negro” sejam desafiadas e se possam construir novos caminhos, principalmente no campo da educação. É nesse campo minado que “mexemos” nas questões complexas, pois tocamos em verdadeiros dogmas das religiões ocidentais, que excluem e, mais do que isso, oprimem as religiões de matrizes africanas que nem sempre são respeitadas como deveriam ser.

Como já se pode perceber, o trabalho analisa e pesquisa a obra de Cuti apontando para suas questões intrínsecas e extrínsecas, mas sempre preocupado com as perspectivas das mudanças sociais. Por isso há sempre um comentário sobre as leis que podem auxiliar no árduo trabalho de conscientização dos próprios negros. Daí as referências ao Trabalho a Literatura Negro-Brasileira dentro e fora das salas de aula atentando para a Lei Nº. 10.639/03.

1.2 Pensando na exclusão social

É necessário compreender as diversidades presentes nas obras literárias de Cuti. Esta dissertação se orienta pela ampliação da demonstração de como o negro foi e é excluído, o preconceito que sofreu e sofre partindo da reflexão da Lei Nº. 10.639/03. Esta lei foi alterada para que se incluísse também os indígenas, o que se deu pela Lei Nº. 11.645/08.

Em síntese, esta dissertação se fundamenta em reflexões a partir do fato de que a referida lei torna obrigatório o ensino da história e da Cultura Afro Brasileira nas escolas oficiais e privadas, que atuam com o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Não é no campo da educação que o presente estudo/ pesquisa se insere. Mas essa incursão temática é fundamental para as reflexões contidas neste trabalho como um todo. É importante mencionar, aqui, também, as dificuldades de se tratar de elementos de matriz africana nas

escolas, não apenas no que tange a rituais e entidades na atualidade, como o recrudescimento da intolerância religiosa.

A literatura negra brasileira como fenômeno estético tem contribuído como um instrumento de reflexão e registro das lutas de diversos setores sociais. No combate ao racismo e no contexto da educação formal torna-se uma ferramenta, também indispensável, aliada a outros procedimentos para a educação das relações etnicorraciais (GONÇALVES, 2014, p.49).

A literatura, segundo Gonçalves, não é somente um fenômeno estético por pura beleza, ou seja, o belo pelo belo, mas principalmente instrumento das mais variadas lutas de grupos e classes ao seu favor. Dentro do contexto da Literatura, literatura Negro-Brasileira tem sua luta aguerrida no combate ao racismo e ao preconceito racial das diversas classes, em especial a luta das classes menos favorecidas.

Inicialmente, destacamos o que dizem os teóricos sobre a temática. Segundo o materialismo histórico dialético, a substância material ou física está em relação dialética com a subjetividade, com o psicológico. A metodologia abordada nessa dissertação é de cunho bibliográfico, fazendo uma análise de obras literárias de Cuti, centrando a atenção naquelas que permitam a reflexão sobre aspectos da cultura afrobrasileira e da posição do negro na sociedade.

A bibliografia pesquisada tem como base as análises das obras literárias de Cuti, com ênfase nos poemas e as reflexões por elas suscitadas, para que se possa refletir sobre problemas relativos aos problemas enfrentados pelos negros na sociedade brasileira para conquistar, efetivamente, seu lugar de voz e impor respeito em relação às suas peculiaridades corporais, culturais, históricas, enfim, ao ser humano pleno em seus anseios e necessidades enquanto tal.

1.3 - Cuti, seu texto, sua luta.

Cuti nasceu em Ourinhos, São Paulo, no ano de 1951. Formou-se em Letras (Português-Francês) na Universidade de São Paulo, em 1980, e é mestre em Teoria da Literatura e doutor em Literatura Brasileira pela Unicamp. Em 1978, com parceiros, cria o Jornal Literário “Jornegro” e também a famosa publicação “Cadernos Negros” que se caracteriza como antologias que visam dar visibilidade à escrita do escritor negro.

Participou da fundação do grupo Quilombhoje, no qual permaneceu até 1993. Suas ocupações atuais são escritor, dramaturgo e poeta. Um dos seus principais trabalhos é *Contos crespos* (2009).

Nos seus livros, Luiz Silva, direta ou indiretamente, trata de questões inerentes ao preconceito e à ideologia racista. A obra como um todo permite que se conheça detalhes sobre a estrutura social brasileira de base autoritária, bem como a disseminação de ideologias racistas e preconceituosas em território nacional.

Dentre suas principais obras estão *Poemas da carapinha*, *Batuque de tocaia* (poemas), *Suspensão* (teatro), *Flash crioulo sobre o sangue e o sonho* (poemas), *Quizila* (contos), *A pelada peluda no Largo da Bola* (novela juvenil), *Dois nós na noite e outras peças de teatro negro-brasileiro*, *Negros em contos*, *Um desafio submerso: evocações, de Cruz e Sousa, e seus aspectos de construção poética* (dissertação de mestrado), *Sanga* (poemas), *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto* (tese de doutorado), *Negroesia* (poemas), *Contos crespos*, *Moreninho, neguinho, pretinho* (ensaio educativo). Na literatura afrobrasileira - que Cuti prefere denominar *negro-brasileira* -, a missão de desvelar a exclusão social

[...] justifica-se pela urgência em desconstruir e/ou descentrar imagens negativas, estereotípicas e inferiorizantes formuladas pelos sistemas de representação instituídos e que, não raro, são assimiladas e introjetadas por “brancos” e negros. Acrescente-se, ainda, o empenho em conscientizar negros e não negros da fragilidade dos pressupostos da democracia racial, apontando as implicações deste discurso para a continuidade na estruturação do poder e na sedimentação das desigualdades e injustiças sociais. (OLIVEIRA, 2018)

A seguir, interpretaremos um poema de Cuti que permite um melhor entendimento do que até aqui se afirma sobre a relação da obra de Cuti com a identidade e, de maneira mais ampla, com a autoestima do negro.

No poema “Torpedo”, Cuti utiliza elementos literários como a ironia, a antítese, a personificação, dentre outros, explorando o campo semântico do cárcere. A partir dessa exploração o poeta e escritor simula escrever uma mensagem um recado, que a gíria atual denomina torpedo. Tal recado aponta para a “identidade negra”. O irmão negro, citado no texto, é um receptor ficcional que recebe os questionamentos de um *eu poemático* sobre sua percepção a respeito de sua identidade.

Torpedo
Irmão, quantos minutos por dia
a tua identidade negra toma sol
nesta prisão de segurança máxima?³

Nessa estrofe, que na realidade se constitui em seu todo como frase interrogativa, o questionamento é direto. Algo como: “Irmão negro, quantas vezes você reflete ou reflete por dia sobre sua identidade?” A estratégia construtiva principal está centrada no campo semântico do cárcere. É esse campo, que insere a interpretação, nos elementos das entidades prisionais. Aponta para o fato de que os detentos devem tomar banho de sol para preservar a saúde. Isso faz parte da lei das penitenciárias. Mas, ao se remeter a um negro, nesse caso, o questionamento passa a se referir à necessidade de reflexão sobre si mesmo. Tomar sol é refletir. Refletir sobre sua condição enquanto ser humano que não tem da sociedade o mesmo tratamento de muitos outros.

[...]
e o racismo em lata
quantas vezes por dia é servido a ela
como hóstia?⁴

Continuando a interrogativa, o torpedo, ou o bilhete, traz para o leitor a relação entre o que o negro pensa sobre si mesmo, que é internalizado via religião – pelo uso do termo hóstia em sentido denotativo, metafórico - ou mesmo pela mídia, pois o termo lata também pode se referir aos produtos culturais estrangeiros chamados pela imprensa dos anos 1970 de “enlatados”, programados pela televisão, pelo cinema, pelo sistema. A noção de hóstia aponta para maneira como certos dogmas são impostos e aceitos como verdade pelos negros.

[...]
irmão, tua identidade negra tem direito
na solitária

³ [Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 136, **TORPEDO**]

⁴ [Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 136, **TORPEDO**]

a alguma assistência médica?⁵

E segue o uso do campo semântico relacionado às instâncias prisionais, com a menção a solitária, local em que o preso fica incomunicável. A discussão identitária se amplia, quando o *eu-poemático* utiliza a ironia, apontando para o isolamento da identidade encarcerada e doente, sem a atenção devida.

[...]
ouvi rumores de que ela teve febre alta
na última semana
e espasmos
– uma quase overdose de brancura –
e fiquei preocupado⁶

A personificação ou prosopopeia é usada de maneira a criticar a forma como o *embranquecimento* exagerado, em overdose, pode matar a identidade. Quem adoeceu foi a identidade negra. Os sintomas do mal do “branqueamento identitário” são a febre alta e os espasmos, causados pelo mal-uso desse entorpecente que leva muitos afrodescendentes a um êxtase, seguido de dor e perda dos sentidos críticos.

[...]
irmão, diz à tua identidade negra
que eu lhe mando um celular
para comunicar seus gemidos
e seguem também
os melhores votos de pleno restabelecimento
e de muita paciência
para suportar tão prolongada pena
de reclusão.
diz ainda que continuamos lutando
contra os projetos de lei
que instauram a pena de morte racial
e que ela não tema
ser a primeira no corredor
da injeção letal⁷

⁵ [Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 136, **TORPEDO**]

⁶ [Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 136, **TORPEDO**]

⁷ [Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 136, **TORPEDO**]

Essa estrofe narrativa, mais longa, se apropria de elementos relacionados às prisões brasileiras, da comunicação pelo celular feita por detentos, transitando entre a ludicidade e a ironia e/ou usando a ludicidade como ironia propícia ao humor. A pena de reclusão é o distanciamento da consciência da diferença identitária. Aprofundando o humor crítico, o eu-lírico afirma que há “irmãos” que lutam contra “a pena de morte racial”, representada pela perda total dos traços identitários negros.

[...]
irmão, sem querer te forçar a nada
quando puderes
permite à tua identidade negra
respirar, por entre as mínimas grades
dessa porta de aço
um pouco de ar fresco⁸

O apelo do eu *poemático*, travestido de emissor do torpedo, vai se tornando mais dramático sugerindo que o negro inclinado a overdoses de *embranquecimento*, tente oxigenar seu olhar. A menção às grades aponta para “cegueira” ou ignorância identitária que se torna uma “porta de aço”, portanto intransponível.

[...]
sei que a cela é monitorada
24 horas por dia.
contudo, diz a ela
que alguns exercícios devem ser feitos
para que não perca completamente a ginga
depois de cada nova sessão de tortura.⁹

E as orientações, os alertas, continuam: a identidade encarcerada vigiada pelo senso comum, pela sociedade, pela mídia, pelas religiões e mesmo por alguns negros “incautos” [ou incultos?], caso não exercite a reflexão crítica, perderá seu jeito peculiar de ser - sua ginga -, pois a tortura, a inculcação da subalternidade e do embranquecimento, em suas sessões contínuas destroem a beleza da diferença, do corpo, da alegria, da alma do negro.

[...]
irmão, espero que esta mensagem

⁸ [Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 136, **TORPEDO**]

⁹ [Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 136, **TORPEDO**]

alcance as tuas mãos.
o carcereiro que eu subornei para te levar o presente
me pareceu honesto
e com algumas sardas de solidariedade.¹⁰

A “cegueira” ou ignorância identitária torna-se uma porta de aço, portanto intransponível. A mensagem do amigo novamente desvela a maneira como é a relação entre detentos, familiares e carcereiros, fundada no suborno. A mensagem chega ao prisioneiro a partir do suborno. Nesse momento há um reforço da ironia, quando afirma que o carcereiro subornado “pareceu honesto”.

[...]
irmão, sei que é difícil sobreviver
neste silencioso inferno
por isso toma cuidado
com a técnica de se fingir de morto
porque muitos abusaram
e entraram em coma.¹¹

A neutralidade e a tentativa de não “se meter nessas questões identitárias e/ou políticas” - alerta, indiretamente o missivista - pode ser pior do que o enfrentamento, pois muitos se deram mal a tentar “se fingir de morto”, não se envolver.

[...]
fica esperto!
e não esquece o dia da rebelião
quando a ilusão deve ir pelos ares.¹²

A rebelião - a rebeldia, a reflexão crítica diária - benéfica, pode explodir as amarras identitárias, a opressão silenciosa que leva à baixa autoestima, levando o cidadão negro a não se sentir inferior.

[...]
um grande abraço
deste teu irmão de presídio
assinado:
zumbi dos palmares.¹³

¹⁰ [Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 136, **TORPEDO**]

¹¹ [Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 136, **TORPEDO**]

¹² [Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 136, **TORPEDO**]

¹³ [Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 136, **TORPEDO**]

Um impacto literário marcante, estratégico, se dá quando se sabe que o emissário da carta [do torpedo] é o mais importante líder de grupos “rebeldes”, Zumbi.

No capítulo a seguir analisaremos nas poesias de Cuti a identidade *negro-brasileira* da literatura, priorizando a figura feminina dentro de sua poética, bem como a forma de combater os estigmas criados nas figurações do corpo negro e da palavra em si.

Capítulo II - A IDENTIDADE NEGRO-BRASILEIRA NA LITERATURA DE CUTI

Neste capítulo serão tratados os temas sobre a identidade do negro nas obras de Cuti, enfatizando a mulher negra como tema e o combate ao estigma do negro nas poesias de Cuti.

2.1-A identidade do negro nas obras de Cuti

Tempos em que, nas décadas iniciais do terceiro milênio, retorna-se a visões positivistas sobre a realidade, que chegaram ao ápice no século XIX, a discussão sobre a identidade negra torna-se, cada vez mais imprescindível e relevante. Na contramão das reflexões sobre a liberdade e o perigo da intolerância em relação à diversidade cultural e religiosa, muitos discursos atuais terminam por, de diversas maneiras, não respeitar as tradições da cultura de matriz africana.

Surge a necessidade de se refletir com urgência sobre a relação entre as identidades e as diversidades. A desconstrução do novo mito de ausência de racismo no Brasil, a mestiçagem, o preconceito, temas tão antigos e, ao mesmo tempo, tão atuais, são questões que se entrelaçam nas reflexões aqui realizadas.

Todo ser humano tem sua identidade própria. As poesias de Cuti vêm nos confirmar essas afirmações, quando aponta para características peculiares da identidade do negro brasileiro. A aparência democrática da mestiçagem no Brasil é mais um truque que ajuda a mascarar a marginalização sistemática dos africanos e seus descendentes no Brasil. A identidade negra incomoda os idealizadores de uma identidade brasileira, já dizia isso Marcelo Neves de Oliveira.

A mestiçagem estrutura mitos importantes da cultura brasileira, apresentada comumente como algo saudável e positivo. É imprescindível decodificá-la, desmontar suas armadilhas, entender o quanto os “benefícios da mestiçagem” são assimétricos para negros e brancos. (SILVA, 2001, p.34)

Historicamente o corpo negro e a identidade negra são representações sociais com relações etnicorraciais formadas pela história, condizente com a construção de imagens e representações sociais. Stuart Hall diz:

A representação é um processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra. (HALL, 1997, p. 61)

Em *Batuque de Tocaia*, Cuti enfatiza nos versos a representação dos negros, por exemplo, a partir da tematização da própria palavra *negro*. Ele Aponta para a especificidade da questão da identidade dos negros e para a sua distinção no campo estético. O autor, através de seu eu-lírico, prima por denunciar a difícil situação do negro, mas sempre levando o leitor a refletir ou perceber a beleza da condição de ser negro. Vejamos o poema “A palavra Negro” (CUTI, 1982, p. 32):

A palavra negro
tem sua história e segredo
veias do São Francisco
prantos do Amazonas
e um mistério Atlântico

A palavra negro
tem grito de estrelas ao longe
sons sob as retinas
de tambores que embalam as meninas
dos olhos

A palavra negro
tem chaga tem chega!
tem ondas forte suaves nas praias do apego
nas praias do aconchego

A palavra negro
que muitos não gostam
tem gosto de sol que nasce

A palavra negro
tem sua história e segredo
sagrado desejo dos doces voos da vida
o trágico entrelaçado
e a mágica d'alegria

A palavra negro
tem sua história e segredo
e a cura do medo
do nosso país

A palavra negro
tem o sumo
tem o solo
a raiz.

O poema “A palavra Negro” dá ênfase à questão das figurações do negro, a partir da problemática da palavra, do léxico, fazendo o leitor refletir sobre o lugar e a história dos descendentes de africanos. Cuti traz para o leitor a fruição do rio e das águas comparando-as ao sangue, às veias humanas, fazendo com que nos remetamos à ideia do sangue que corre nas veias e que são comparadas aos rios. É recorrente nos poemas de Cuti, o trabalho com o campo semântico da palavra água, utilizando termos como rios, mares. Pode-se afirmar, a partir do texto de Cuti, que nos rios do corpo humano, nas veias, as águas, o sangue, são responsáveis pela vida e pela própria pulsação de sua história. A expressão popular “ter sangue nas veias”- para dar um exemplo que ratifica esta afirmativa - remete à necessidade de se ter coragem para lutar pelos seus direitos e impor seu lugar de voz.

Vejamos outro trecho: “A palavra negro / tem grito de estrelas ao longe/ sons sob as retinas/ de tambores que embalam as meninas/ dos olhos”. Nessa estrofe há sinestésias que amparam toda a perspectiva dessa poesia utilizando as retinas [visão] com sons, ou seja, as retinas são voltadas aos sentidos dos olhos no ato de enxergar, mas nesse trecho os sentidos se confundem para retratar os sons do tambor que embalam as meninas dos olhos.

“A palavra negro / tem **chaga** tem **chega!**”. Neste trecho, encontra-se uma aliteração - repetição propositada de sons semelhantes - comparando às dores [chagas] às ondas do mar que chegam até nós através da sonoridade marcante; “tem ondas fortes suaves nas praias do apego / nas praias do aconchego”. As praias do apego e as praias do aconchego, utilizadas nesse fragmento do poema, servem como lugares de calma, locais que remetem à paz. Talvez fosse a rota de fuga do negro, rota de sua liberdade em navios clandestinos com ouro, bens e joias roubados ou conquistados através de seu trabalho, seu suor. A expressão chega, utilizada logo após o termo chagas, aponta para a necessidade de se dar um basta à discriminação racial ou o convite à aproximação, da solidariedade, como nas expressões populares: “chega aí”, “chega para cá”, “chega mais”.

“A palavra negro/ que muitos não gostam/ tem gosto de sol que nasce”. Nesse trecho o eu-lírico declara uma verdade, a que muitos se permitem omitir ou negar: a palavra

negro não é bem-vinda, é algo que incomoda. Não apenas a palavra, mas o próprio negro, seu corpo, suas histórias, seus ritos, seu jeito, sua beleza, seu sorriso, sua força, suas tradições. O negro que se destaca; o negro que vence as mazelas do dia a dia; o negro que, consciente, luta e acorda nas madrugadas para sobreviver e ganhar seu pão diário; o negro que sorri e dança feliz na roda de samba ou nos terreiros fazendo suas oferendas e entregando, com fé sincera, sua alma ao sagrado, incomoda muito.

Outro fragmento: “palavra negro tem histórias e segredos, é a própria cura do medo em nosso país”. O poema, nesse momento, apresenta as histórias da memória do negro, suas alegrias e tristezas que serve como bálsamo para curar o medo. “O sagrado desejo dos doces voos da vida” – o trecho afirma que os desejos humanos, os sonhos são sagrados; “O trágico entrelaçado à magia d’alegria” - o termo entrelaçado nos revela que mesmo frente ao trágico, ao que há de ruim, se pode sentir a magia do bem, que é bom. O negro supera a dor com festa, com batuque, podendo a festa servir como resistência.

“A palavra negro/ tem o sumo/ tem o solo/ a raiz”. Nesse momento, Cuti resume e encerra a poesia, apontando para a essência do que representa em sua poesia a palavra negro e a retrata como sumo, raiz, solo, elementos essenciais para qualquer crescimento, seja o crescimento de uma planta. Ou seja, o crescimento de uma nação.

Na obra “Flash de Crioulo”, onde Cuti fala sobre o sangue e o sonho, temos a consciência tão marcada e bem trabalhada pela sonoridade leve que destapa nossos ouvidos. Na realidade, Cuti é um autor contemporâneo que tem como marca uma poética negra no sentido da sensualidade exacerbada pelos corpos negros no ato sexual ou amoroso, de resistência e luta, mas que não resvala para lugares comuns frequentemente usados. Mesmo essa literatura sendo feita por negro e por brancos, o estético e o político não se estranham no seguinte texto.

Adentro esta manhã
Pelo sol
Aberto no horizonte
De tuas pernas

Verão umedecidos pelo orvalho
Entro e saio
Nossas mãos são pássaros
No dia despertado

Súbito subimos ao máximo
Penas no espaço
Despencamos no colo da tarde

A noite leve
Lenta
Pelos nossos poros
E na voz
Uma canção do cosmo¹⁴.

Nesse poema, Cuti não trata especificamente da questão da negritude. O utilizamos aqui para que se possa perceber a qualidade técnica desse artista que usa sua capacidade criativa em prol da causa pela qual dá sua vida. Suas estratégias textuais, no poema aqui destacado, são baseadas na plurissignificação das palavras no campo conotativo e denotativo do relacionamento amoroso, sexual, nas instâncias da metáfora, na capacidade de surpreender, de atrair o leitor para campos menos viciados de sentido. O horizonte de expectativas do poema aponta para a relação semântica trazida pela noção do tempo, dos três momentos que compõe o dia (manhã, tarde e noite). O horizonte é aberto na manhã, pela sensualidade. E o calor do sol, e sua luminosidade vêm de um horizonte centrado na paixão. A relação sexual é descrita em uma linguagem sutil, que eleva o poético ao seu ápice. Manhã, tarde e noite, são tempos em que o corpo se expõe a uma sensação cósmica, que parte da voz que, por sua vez, entoia uma canção do cosmo.

Para o anglo-jamaicano Stuart Hall, deve-se entender a identidade, não como algo previamente definido. Ao contrário, é algo que geralmente é construído por meio de diferenças, e essas diferenças possuem marcadores sociais determinando limites pelos quais os sujeitos constroem as identidades. Como afirma o mesmo autor em “A identidade cultural na pós-modernidade”:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes descrito como constituindo uma mudança de política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*. (HALL, p. 16)

¹⁴ (CUTI, 1987, p.23)

A construção da identidade, segundo Hall, se funda em perceber as diferenças étnicas. Somos sempre diferentes e estamos negociando diferentes tipos de diferenças (gênero, sexo, classes). Como afirma o diaspórico jamaicano:

Somos tentados a exibir o significante “negro” como um dispositivo que pode agregar a todos negros e negras, policiando as fronteiras políticas, simbólicas e posicionais como se fossem genéticas. [...] “Negro” não é uma categoria de essência numa direção à homogeneidade, existe um conjunto de diferenças históricas e experiências que devem ser consideradas e que localizam, situam e posicionam o povo negro (HALL, 2003, p. 346).

O professor e historiador Joel Rufino dos Santos, numa de suas obras “O que é Racismo?” (1984; p.38), tratou da questão sobre as consequências sociais, onde retrata as formas e os procedimentos de uma sociedade intolerante para com os afro-brasileiros, onde privilegiavam os opressores e oprimiam os negros até mesmo culpabilizando-os. Esses mesmos mecanismos de opressão passaram a se valer do racismo numa forma didática. Joel Rufino trata o racismo de forma crítica e objetiva, esse assunto é um tema polêmico, racista e discriminatório. Rufino dos Santos afirma:

[...]

Em conclusão:

O racismo, segundo o Larousse é:

*Sistema que afirma a superioridade de um grupo sobre outros...

*Esta superioridade é uma hipótese científica não provada, apesar dos esforços da “ideologia do colonialismo”, interessada em justificar a miséria e atraso dos países subdesenvolvidos.

*Os cientistas que se empenham em prová-la trabalham com o velho conceito de raça (conjunto de caracteres externos das pessoas).

*Mesmo que consigam provas conclusivas da superioridade de um grupo racial sobre outros, em alguns aspectos, o racismo é injusto, pois a espécie humana é uma coisa só.

*A segregação é apenas a forma mais escandalosa do racismo (como o apartheid na África do Sul). Mas o fenômeno é universal, ocorrendo não só nos países que foram colônias europeias, mas também nos capitalistas desenvolvidos e nos socialistas.

*O racismo não faz parte da “natureza humana”. Nasceu, talvez da necessidade de defender o seu espaço; e é apenas uma instituição irracional de prolongada duração (assim como a antropofagia e a guerra).

*Sob a forma atual, baseado na cor da pele, é filho do colonialismo; e atingiu o seu extremo com o aparecimento do capitalismo financeiro.

*Dentro dos países capitalistas desenvolvidos, que não foram colônias (como a Inglaterra e a França, por exemplo), é fruto da competição e da divisão do trabalho.

*O ódio racista chegou ao máximo durante o nazi-fascismo alemão (1933-45), que confinou e exterminou milhões de judeus. O nazi-fascismo foi uma saída momentânea para o capitalismo alemão; e em matéria de ódio racial apenas exagerou o que já se fizera antes. (SANTOS, 1984, p.38,39.)

Para Joel Rufino, a identidade é construída através do diálogo e da interação que estabelecemos uns com os outros. Ainda que se comprove a superioridade de alguma raça, isso não se justifica no sentido de destruir, menosprezar ou humilhar o outro - seja através de sua cultura, religião, crença ou memória. O racismo é, de qualquer forma, algo injusto e cruel, pois a espécie humana é uma só.

Para haver o diálogo nos mais variados grupos dentro da sociedade não podem existir rótulos negativos do que é *ser* negro, contrapondo o que é ser branco. O racismo comumente é uma forma de negação ou de mistificação da alteridade da população negra, denominando assim estereótipos e a presença da inferioridade. Dentro da sociedade brasileira a inferiorização das diferenças ficavam registradas no corpo escravizado, sendo uma forma de identidade estereotipada atribuída ao negro, identidade permanente definida através dos estigmas.

O termo *reificação*, que é utilizado apontando para a “coisificação” a que os negros são submetidos pelo regime escravocrata, inferiorizando o corpo do negro. Essa definição nos é dada por Nilma Lino Gomes (2002), e era uma das formas de encobrir as intenções econômicas e políticas da época da escravidão. Essa autora, em sua tese de doutoramento, faz a comparação entre os sinais diacríticos do corpo negro, como a cor, o cabelo, o nariz e os sinais do corpo do branco europeu serviram de argumento para formulação de um padrão de beleza e de fealdade que persegue o grupo etnicorracial negro até os dias atuais. Os adereços e elementos constitutivos do próprio corpo são considerados por certa elite hegemônica como inferior, como adereços sem valor. Reificados. O negro, portanto, é visto como “coisa”. Coisa sem valor.

Mas há um outro termo, não enfatizado, aqui, por Lino Gomes, que pode servir nessa discussão sobre a maneira como se trata os negos, no Brasil, sob a capa hipócrita da cordialidade, juntamente com a *reificação*. Trata-se da zoomorfização.

Obras do período realista-naturalista da literatura brasileira, como *O mulato*, de Aluísio Azevedo e *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha (BOSI, 2013, p. 205), servem bem para que deles se extraiam exemplos do aqui afirmamos. O problema enfatizado nessas obras se baseia na problemática da ciência do século XIX. O determinismo, o darwinismo, servem de base para a criação de obras cujas teses centrais apontam o negro como sub-raça. Assim, a comparação com animais, a zoomorfização é um dos elementos mais definidores do negro como animal (sem alma). Em *O mulato*, o protagonista Raimundo tem boas condições econômicas, boa aparência, mas, ao final da obra sofre e morre por causa de sua identidade racial. A narrativa, até os momentos finais da obra, assemelha-se a um romance do romantismo, com uma forte idealização da realidade. Já na parte final do livro, a tese científica em que se embasa o autor se concretiza, tudo se volta contra o personagem e sua mulher acaba casando-se com o algoz do marido negro. Noutro romance, de Adolfo Caminha, “O Bom crioulo” (MOISÉS, 2012, 251), o personagem Amaro, além de negro, sem poder econômico, é homossexual. Como ocorre ainda hoje - e tende a piorar devido às mudanças políticas radicais e retrógradas ocorridas a partir do golpe político que depôs a presidente eleita - esses estigmas estão impregnados na sociedade. Recentemente um político eleito afastou-se de sua carreira por ameaças recebidas¹⁵. Amaro, um marinheiro, se apaixona pelo grumete Aleixo e termina por assassiná-lo.

Além de negro, homossexual, o protagonista é um assassino. Percebe-se a ironia do título ou o índice científico do XIX que prima por entender que o negro (o bom crioulo) está fadado à violência, ao crime e aos vícios em termos gerais. É preciso lembrar que para o olhar patológico que embasa os estudos científicistas, a homossexualidade é uma doença.

A identidade, no mundo contemporâneo não passa pela problemática da ciência, mas a expressão social do corpo ainda leva a sociedade a utilizar, ou pensar em elementos zoomórficos para classificar os negros e tê-lo como inferior na hierarquia social. Assim, “a identidade atribuída ao negro é uma construção social que embora não corresponda à realidade, produz efeitos sobre ela, ou seja, embora tenha um caráter fictício quando

¹⁵ [<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/01/25/pf-investiga-ameacas-de-morte-contrajean-wyllys-do-psol.ghtml>]

presente no imaginário coletivo” (FERNANDES, 2016). O Brasil continua a ser um país racista e preconceituoso, como afirma Gonçalves:

O Brasil é um país racista. A educação brasileira é racista. Combater o racismo instituído e instituinte das relações étnico-raciais no espaço da educação formal enseja no mergulhar num mar de tensões e de complexas ações para desordenar o instituído que, ao longo dos anos, sistematicamente, subestimou a cultura africana e, conseqüentemente do que se convencionou chamar cultura brasileira. (GONÇALVES, 2014; p. 47)

Como se vê no trecho citado, o negro precisa se valer de leis para impor que a sua cultura e seus direitos sejam respeitados no meio social. Mas mesmo com as leis o respeito às “coisas dos negros” não é comum. As escolas por sua vez permanecem distantes de uma realidade respeitosa e de valorização das culturas do negro e suas contribuições ao nosso país, percebemos a dificuldade das pessoas se autodeclararem sendo negras, utilizam outras características como pardas, morenas entre outros para se identificarem quanto a raça ou a cor. É justamente na escola local que os alunos não se sentem pertencentes ao seu meio, meio onde contém murais e calendários que não contemplam a agenda do negro e toda influência dentro da Cultura. Fica cada vez mais difícil levantar discussões e debates sobre o racismo, religiões de matriz africana, hábitos, culturas e influências em nosso meio. Mas ainda nos resta acreditar que poetas como Cuti trazem à nossa sociedade textos inteligentes, críticos e não menos belos, que podem, de alguma maneira, influenciar as novas gerações e tornar visível a importância e o valor da cultura negra.

É claro que, para os beneficiários do racismo, é muito incômodo que nós mexamos nas estruturas racistas da sociedade brasileira, as quais não são de hoje, mas vêm desde 1500. Elas se transformam, se modificam, se enriquecem, mudam de tática e estratégia, mas a estrutura do racismo permanece a mesma coisa, desde o tempo da escravidão até hoje. Ela tem feito concessões, como uma manobra para se recuperar depois, mas sempre é assim. Veem todas aquelas leis que antecederam a abolição da escravatura? Foram grandes manobras, até a manobra da lei da abolição. E essa manobra é simplesmente uma estratégia de genocídio. (NASCIMENTO, 2006; p. 124)

Abdias Nascimento vem nos mostrar, numa de suas citações, o quanto o racismo mexe nas estruturas tradicionais hegemônicas e que as mesmas mantêm (nem sempre) camufladas a estrutura perversa do racismo até hoje. O processo de abolição da escravatura

no Brasil foi gradual e começou com a Lei Eusébio de Queirós de 1850, seguida pela Lei do Ventre Livre de 1871, a Lei dos Sexagenários de 1885 e finalizada pela Lei Áurea em 1888, sendo as mesmas apenas manobras políticas para dizer que as leis estavam atendendo às pressões políticas internacionais em especial da Inglaterra.

Cuti, muitas vezes, trabalha com elementos sonoros, como se poderá confirmar na leitura do poema seguinte, que se inclinam à paronímia – o uso de palavras parecidas como efeito literário - como em **cota**, **gota**, **esgota**. Dentre outras estratégias, há um eixo centrado nas palavras voto e bolo, em ideias populares como a da repartição do bolo, que remete, em termos denotativos ao que conhecemos como bolo, bala, doce e, conotativamente, a algo que foi “juntado e depois dividido entre pessoas”. “Direito a voto e a partição do bolo”. O bolo, indiretamente afirma o eu-lírico, é de todos e precisa ser dividido com todos. Mas não é.

Gota do que não se esgota

Cota é só a gota
meta de quem pagou e paga
desmedido preço de viver imposto
e agora exige
seu direito a voto
na partição do bolo
é só a gota
de um mar de dívidas
contraídas
pelos que sempre tornaram gorda a sua cota
cota é só a gota afrouxando botas
de um exército
para o exercício da equidade
cota não reforça derrota
equilibra
entre ponto de partida
e ponto de chegada
a vitória coletiva
reinventada.
a ser tocada
com o fino arco
em mãos calosas
cota é só a gota
a explodir o espanto
de se enxugar no riso
a imensidão do pranto
ela é só a gota
ruindo pela base

a torre de narciso
é só a gota
entusiasmo na rota
afirmativa
que ameniza as dores da saga
suas chagas de desigualdade amarga¹⁶

O poema “Gota que não se esgota” trata das cotas raciais de ensino e aponta para o fato de que a mesma não é em si mesma um fim. Como diz o eu-poemático: “É só gota/entusiasmo na rota/ afirmativa”. Como afirmam Munanga e Gomes,

A prática de estabelecer uma proporção ou número de vagas para estudantes em instituições educativas e para trabalhadores no mercado de trabalho a partir de critérios sociais é conhecida como política de cotas. (MUNANGA E LINO: 2017, p. 191).

A cota, supostamente, daria oportunidades àqueles que, no jogo social, já entraram deficitários. Ou seja, os herdeiros dos africanos escravizados receberiam a cota, não como prêmio, mas como indenização pelos crimes causados pela colonização.

Tratando da problemática das cotas e das ações afirmativas, Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes (2017) apontam para o fato de que:

[...] há uma forte polêmica instalada na opinião e uma grande confusão entre ação afirmativas e cotas, sobretudo quando pensamos a aplicação de tais medidas voltadas para um segmento específico da população: os negros e negras brasileiros. Um dos motivos dessa confusão é que a discussão em torno dessa temática envolve desconhecimento, incompreensão e manipulação política. Muitas pessoas se colocam contrárias a qualquer tipo de ação afirmativa, sem saber exatamente o que isso significa. Outras usam falsos argumentos apenas para defender a manutenção de sua posição privilegiada na sociedade; há ainda aqueles que distorcem os fatos e afirmam sem provar que as ações afirmativas não tiveram resultados positivos em outros países onde foram implementadas, o que não é verdadeiro. (MUNANGA E LINO, 2017, p. 191)

Há que se trazer à tona que as cotas se configuram enquanto medida, com certeza paliativa, mas que aponta para a reparação dos danos causados à população negra ao longo

¹⁶ (do livro Negroesia, CUTI, 2007)

da história do Brasil. A esse respeito, é importante tomar conhecimento das leis que tramitam nessa intenção de não deixar de lado problemas sociais e políticos do passado que deixaram sequelas nas gerações negras pós-escravidão.

As alterações da Lei de Diretrizes e Bases, por meio das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, têm provocado mudanças substanciais no campo da educação. Entre outras mudanças, destacamos as ações em torno da capacitação de docentes por meio de cursos presenciais e a distância, o desenvolvimento de planos político-pedagógicos e de planos de aula nas instituições de ensino que contemplem a diversidade étnico-racial da sociedade brasileira, e a introdução de disciplinas e debates nas instituições de ensino superior que se dedicam à formação de educadores. Ainda que insuficientes, estamos diante de uma nova perspectiva do sistema de ensino que considera a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial como temas do cotidiano escolar, ou seja, tema que atravessa todo o currículo do ensino básico. O campo da educação, chamado “educação das relações étnico-raciais”, dialoga com a noção de raça, etnia, preconceito, discriminação e racismo. (GONÇALVES, 2014; p. 11)

Em pleno século XXI, a tramitação na Câmara Federal para a aprovação da lei de cotas levou mais de por mais dez anos. Se é lei, deve ser dada continuidade e aprimoramento à mesma para que todos os envolvidos na causa sejam atendidos e faça-se valer os seus direitos. Porém, após as eleições de 2018, percebemos que a já difícil luta pela implementação das leis que defendem a igualdade racial pode ser ainda mais dificultada. O governo que iniciou seus trabalhos em 2019 tem como afirmativa principal a esse respeito que quem não tem condições de estudar, que não estude¹⁷.

No dia 26 de setembro de 2018, a Câmara Federal aprovou - com 314 votos a favor e 36 abstenções - pela continuação da Lei de Cotas e a criação de uma reserva de pelo menos 20% de vagas para negros em concursos públicos. A ministra Luiza Bairros ministério da Igualdade Racial no Governo do PT, onde o presidente vigente Michel Temer, comemorou a decisão da casa legislativa. Um dos objetivos da aprovação no plenário da câmara dos deputados é de reafirmar a vontade do poder público de não se omitir diante das desigualdades históricas. O poder executivo do governo do PT deu um

¹⁷ Fonte: <https://www.valor.com.br/brasil/6088217/ideia-de-universidade-para-todos-nao-existe-diz-ministro-da-educacao>

passo importante e essencial para a população Negra e toda a sociedade brasileira ganha com essa decisão e votação.

Houve uma rejeição contra a ampliação de 30% da reserva de vagas destinadas a negros, negras, indígenas e quilombolas. O projeto de lei¹⁸ propunha a vigência pelo prazo de dez anos e não se aplicaria a editais cujas publicações já tivessem sido feitas antes de sua entrada em vigor.

Na realidade quatro unidades da Federação fazem uso desta política de ação afirmativa no país. São elas Mato Grosso, Paraná, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, sendo que 44 municípios já têm aprovadas leis correlatas às cotas raciais.

Nós não podemos negar a nossa história. Fomos o último país do mundo ocidental a abolir a escravidão. Se fizermos um corte, há uma prevalência da população branca. O projeto vem no sentido de corrigir esta distorção. É inegável que ela existe, os números não mentem, eles são exatos. Ocorre esta distorção, fruto da nossa história. E nós precisamos nos reencontrar para corrigir o futuro. O que se busca aqui é a correção do futuro (PICCIANI, 27/03/2014).

A eugenia passou a ser importante no Brasil no período anterior a Primeira Guerra Mundial. Diferente do espanhol *eugenia*, o termo brasileiro foi introduzido por Alexandre Tepedino, em 1914 no Rio de Janeiro, em sua tese de doutoramento.

Aqui, é examinada a eugenia no Brasil, maior país da América Latina e o primeiro da região a ter um movimento eugênico organizado. Entre 1900 e 1940, o Brasil passou por profundas mudanças sociais e políticas provocadas por uma industrialização tardia e 'dependente', pela urbanização e por uma maciça imigração europeia. Em outras partes do mundo, muitas dessas mudanças estiveram associadas à eugenia. No Brasil, no entanto, ela ocorria em um país 'subdesenvolvido', de população em grande parte católica, rural, racialmente mista e analfabeta. Em virtude de seu clima tropical e de sua população 'mestiça', o Brasil representava tudo que os europeus consideravam disgênico. Como seria o movimento eugênico em um país onde uma pequena elite, de origem primordialmente europeia, governava uma vasta e heterogênea massa de pobres? (STEPAN, 1917-1940; p.334,335)

A eugenia de acordo com teóricos e estudiosos terá diversas definições, mas o primordial é compreendermos que a questão da eugenia queria elucidar e esclarecer que

¹⁸ Deputado do PMDB Leonardo Picciani, 27/03/2014.

uma classe poderia ser superior a outra, tornando outras classes segundo suas definições inferiorizantes. “A eugenia pode ser definida como a ciência que trata daquelas agências sociais que influenciam, mental ou fisicamente, as qualidades raciais das futuras gerações” (GALTON, 1906, p. 3).

As teorias raciais europeias são as mais variadas possíveis e não nos ateremos a elas. Mas podemos lembrar que há inúmeros casos de preconceito racial explícito e implícitos nas mais diversas formas de divulgação do meio digital e multimídias como internet, televisão, rádio, revistas, jornais etc. A civilização ocidental acabou construindo uma hierarquia de valorização das raças através dos seus líderes. Porém, aqui no Brasil, o Conde de Gobineau¹⁹ defende a eugenia, que nada mais é que teoria que busca produzir uma seleção nas coletividades humanas, baseada em leis genéticas; eugenismo e do racismo do século XIX.

Chamamos de teorias racistas as teorias europeias e norte-americanas que se declaravam contra a mistura das raças vigentes no século XIX. Para elas, havia uma ordem natural que hierarquizava as raças humanas, conforme ocorria com os demais seres vivos. Nessa escala, o branco da Europa Ocidental assumia a posição de liderança. Essas teorias defendidas, no Brasil, por um dos mais importantes intelectuais defensores da eugenia e do racismo do século XIX, o Conde de Gobineau (1816-18820), hoje, afirma-se que a diversidade das culturas se relaciona às circunstâncias geográficas, históricas e sociais, não podendo ser

¹⁹ Gobineau, Joseph Arthur, conde de 1816-1882, Aristocrata francês, diplomata. Chega a ser chefe de gabinete de Tocqueville em 1849, quando este assume as funções de ministro dos estrangeiros francês. Defende que a raça branca e, dentro desta, a raça ariana, devem ser as raças dominadoras, por serem as raças superiores. Critica particularmente os mestiços considerando que os mesmos se tornam estereis nas gerações seguintes. Teme o desaparecimento da raça branca da face do mundo, considerando que a percentagem de sangue ariano que resta é *o único sustento do edifício da nossa sociedade* que corre o risco de caminhar para os extremos da absorção. Defende a existência de três raças puras, a branca, a negra e a amarela, descendentes, respectivamente, de Japhet, Caim e Set. A obra foi traduzida nos Estados Unidos da América, servindo para defender a inferioridade da raça negra. Contudo, não se mostra antisemita defendendo a superioridade da raça judaica. GOBINEAU, Joseph Arthur. GABI. Essai sur l’Inégalité des Races Humaines. Publicado entre 1853 e 1855.

Disponível em: <<<http://www.iscsp.ulisboa.pt/~cepp/autores/franceses/gobineau.htm>>>

explicada pela constituição anatômica ou fisiológica dos homens. Como sabemos, existe um número ilimitado de culturas e uma só espécie, a humana.” (GONÇALVES, 2014, p. 13)

Sabemos que existem inúmeras culturas, na formação da civilização ocidental e oriental, Rogério Junqueira trata da atuação da escola na questão da diversidade social, colocando a mesma como múltipla. A escola tem o papel de inverter as posições hegemônicas do passado, sendo um instrumento de democratização da sociedade. Rogério Junqueira afirma que:

Pensar e atuar por uma escola não anticlassista, antirracista, antissexista, não homofóbica e atenta às intrincadas e múltiplas dinâmicas de produção social de diversas juventudes, quanto às necessidades, angústias, possibilidades, desejos e sonhos, é introduzir ali uma série de vetores de altíssima capacidade transformadora. Até a escola poderá deixar de cumprir unicamente seu papel primordial na preservação dos interesses e das posições “historicamente hegemônicas, passando a ser inclusive (...) um eficaz instrumento pela democratização da sociedade, na formação de cidadãos dotados de autoestima, que gozem de confiança das suas e das outras comunidades, que valorizem e que lutem pelo reconhecimento e pela promoção de todas as diversidades que compõem o mosaico da nacionalidade brasileira. (JUNQUEIRA, 2006; p.27)

Como o autor, há de se fazer um trabalho para desconstruir dentro das escolas a característica anticlassista, antirracista, antissexista e não homofóbica, entranhados não somente nas escolas, mas em toda a parcela hipócrita da sociedade, que finge ser o que realmente não é, desrespeitando as diferenças e a inclusão, seja ela por raça, cor, religião ou até mesmo ideais.

A produção acadêmica sobre ação afirmativa no Brasil cresceu, principalmente após a adoção do sistema de cotas por instituições públicas de ensino superior. As ações afirmativas incrementam a discussão sobre a raça e as opiniões, tanto contra como a favor, são tornadas públicas nos primeiros anos do século XIX. Justamente com essa política, acirra-se o debate em torno da adequação, legalidade e abrangência desse tipo de política para o país. No âmbito do acesso ao ensino superior, o debate se polariza. Os opositores e os apoiadores das ações afirmativas colocam-se em posições opostas e inconciliáveis. As políticas de ação afirmativa são apontadas como responsáveis ora pela cisão do Brasil em dois brasis, ora como a solução para a inclusão dos setores sub-representados no ensino superior. (GONÇALVES, 2014; p.29)

Vejamos outro poema de Cuti que trata do problema do preconceito racial:

Preconceito Racial

Não é somente barrar na porta
É matar sementes na nossa horta

Nem só o medo da pele no espelho
É manter na mente um sinhô velho

Lançar defeitos visando a raça
Ser caçador que espreita a caça

Guardar um riso que ri em casa
Do nosso sonho que não tem asa

Falando negro xingar pessoas
Cortar a voz que em nós ressoa

É pensar sentir e querer normal
A tão descarada escala racial

Lembrar um negro em sua vivência
Para escurecer sua consciência

De muitos livros muita mentira
Que nós mesmo de nós retira

É ter vergonha vitimados
Ter criminosos do próprio lado

Fundar com gestos de caridade
Novas prisões para a liberdade

Falar a classe querendo tudo
E achar um tanto beijudo

Com falsidade fugir depressa
Mas estar preso com o pé na mesa

É ajudar este sistema
É matar este poema²⁰.

O poema preconceito retrata a realidade do negro de nem poder sonhar, pois o matam enquanto ainda está em crescimento, tirando seus sonhos e desejos. “Nem só o medo

²⁰ CUTI, 2010; p. 47.

da pele no espelho/ É manter na mente um sinhô velho” – O negro não teme só o olhar no espelho a sua raça e sua cor, mas se apavora ao lembrar-se do seu senhor.

“Lançar defeitos visando a raça/ Ser caçador que espreeita a caça” – é olhar para si já cheio de características e adjetivos que lhe subjugaram, é ser caçador, porém, não poder fazer nada com a caça, uma vez que não tem o poder em se defender ou lutar pelos seus direitos.

“Guardar um riso que ri em casa/ Do nosso sonho que não tem asa” – seus sonhos voam ao longe, pois não pode sonhar, os mesmos voam e ficam somente no imaginário se é que isso ainda é possível, e esses mesmos sonhos voam sem ter asas.

“Falando negro xingar pessoas/ Cortar a voz que em nós ressoa” – a palavra negro, aqui nesse verso, aparece com xingamento e não como um substantivo e nesse ato de ofender cala a voz dos mesmos.

“É pensar sentir e querer normal/ A tão descarada escala racial” – O eu-lírico aqui denuncia o direito de igualdade que todas as raças têm direito, e chama essa escala racial de descarada, o mesmo que desmedida que aparenta ser normal.

“Lembrar um negro em sua vivência/ Para escurecer sua consciência” - nesse verso a consciência só é escurecida quando se lembra da vivência de um negro. “De muitos livros muita mentira/ Que nós mesmo de nós retira” – A voz poemática faz uma crítica dura ao que está nos livros, sejam eles didático ou não, quanto a história e verdades sobre a cultura e o povo negro.

“É ter vergonha vitimados/ Ter criminosos do próprio lado” – Os criminosos que estão ao lado, nada mais são do que os capatazes e donos de terra e senhores de engenhos, os que aparentam serem os donos e chefes de toda a sociedade acabam se passando por criminosos escondidos em suas funções.

“Fundar com gestos de caridade/ Novas prisões para a liberdade” - Fingem ser caridosos dando alimentos e moradias insalubres, mas na realidade nesse ato não há bondade, somente interesses pessoais escusos com tal situação.

“Falar a classe querendo tudo/ E achar um tanto beijudo” – Nesse verso fala sobre o beijo negro que, muitas das vezes estava inchado por apanhar e ser espancado diariamente. “Com falsidade fugir depressa/ Mas estar preso com o pé na mesa” – Nesse verso, o eu-poemático, novamente, denuncia a forma que o negro escravizado era tratado

aprisionado ao pé da mesa, acorrentado e preso como um animal. “É ajudar este sistema / É matar este poema”.

A conclusão a que Cuti chega nesse poema é de que toda essa forma ou consequência irá contribuir com um sistema injusto e miserável e que aos poucos mata toda denúncia e revolta colocada desde o início desse poema. Acabamos sendo conivente com tudo o que acontece. Tendo as reflexões aqui realizadas como exemplo, pode-se afirmar que a obra de Cuti como um todo aponta para o fato de que:

Há uma poética cujo foro estético é a tensão social posta para os negros na sociedade brasileira. Há uma língua comum - a língua portuguesa, de feição local múltipla, pois são diversas as regiões brasileiras e, portanto, são diferentes os cenários culturais provocando e aguçando olhares. A poesia do cotidiano desperta especificidades, há particularidades a serem ditas. Dentro da língua portuguesa há Literatura Negra Brasileira. (GONÇALVES, 2014; p.43).

A poética negra brasileira é singular em sua construção e realidade. A mesma parte de uma história em que foi negada aos negros sua importância e influência para nossa cultura. Dentro das escolas regulares de ensino, o conteúdo referente às relações étnicas raciais vem tratando da cultura dos ancestrais negros e contribuindo para esclarecer as verdades e inverdades difundidas até os dias de hoje, seja no âmbito cultural ou na problematização da cultura negra se reinventar com criatividade e independência.

A cultura negra brasileira, em função de sua singularidade, não pode ser reduzida a uma única feição de expressão, em razão de vir a perder muito de sua capacidade transformadora, em nossa história social. O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana tem contribuído para elucidar alguns aspectos culturais de africana têm sido vitimados pela ótica tradicional imutável e de passado “verdadeiro e original”, subestimando a capacidade de cultura negra brasileira de reinventar-se cotidianamente.” (GONÇALVES, 2014; p.46)

2.2 - O combate ao estigma do Negro nas poesias de Cuti

Segundo o dicionário Aurélio, estigma significa “marca, cicatriz perdurável”²¹. Para Goffman (1988), o termo se refere de forma depreciativa, marcando profundamente

²¹ <https://dicionariodoaurelio.com/estigma>

esse atributo à pessoa designada pelo mesmo. Essa definição traz uma compreensão da linguagem sobre as relações, e dentro das relações mistas que fundamentam a discussão sobre o estigma, o foco dos momentos dos estigmatizados e os normais é que estão na mesma situação social com a presença física de ambos.

Goffman, dentro dessa vertente, trata das relações sociais, discutindo temas como o estigma e a identidade social; controle de informação e identidade pessoal, alinhamento grupal e identidade do eu; o eu e seu outro; desvios de comportamentos desviantes.

Uma das melhores formas de compreender Goffman é fazendo um recorte histórico sobre a concepção de estigma quando, na antiguidade, este termo representava um status moral, por meio dos sinais pelos quais as pessoas ditas normais não deveriam se aproximar, deveriam manter distância.

Devemos iniciar a análise do conceito sobre identidade social e pessoal observando os estigmatizados dentro de suas relações sociais e morais, para entender se essa identidade social trará atributos relativos a cada pessoa que será visível. As relações entre a identidade social virtual e a identidade social real, acabam chegando a uma definição de atributo depreciativo e se o indivíduo "tem um atributo que o torna diferente do outro, um atributo depreciativo, [...] deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída" (GOFFMAN, 1988, p. 12). Dessa forma, "[...] acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano" (idem; p. 15).

Para Goffman, as relações mistas - condição esta de pessoas ditas normais e estigmatizados - se apresentam de forma desconfortável para todos os envolvidos e os estigmatizados não são vistos como pessoas normais. "A previsão de tais contatos pode levar os normais e os estigmatizados a esquematizar a vida de forma a evitá-lo" (p. 22). Essa condição de estigmatizado terá maior consequência para os mesmos pois falta o feedback saudável no cotidiano com outras pessoas, a medida que o estigmatizado se torna hostil, deprimido, confuso e desconfiado ele se isola automaticamente.

Nestes aspectos, durante os contatos mistos, o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão; surge a sensação de não saber aquilo que os outros estão realmente pensando dele; é possível que sinta que está em exibição; erros menores e enganos incidentais podem ser interpretados como uma expressão direta de seu atributo diferencial estigmatizado; quando seu defeito pode ser percebido só ao se lhe dirigir a atenção, é provável que sinta que estar presente entre os normais o

expõe cruamente a invasões de privacidade; algumas vezes vacila entre o retraimento e a agressividade, correndo de uma parte para outra, tornando manifesta, assim, uma modalidade fundamental na qual a interação face-to-face pode tornar-se muito violenta; o visivelmente estigmatizado terá motivos especiais para sentir que as situações sociais mistas provocam uma interação angustiada; nós, normais, também acharemos essas situações angustiantes (GOFFMAN, 1988; p. 28).

A discussão sobre a socialização do estigmatizado traz uma discussão que é a discrepância entre a identidade virtual e a identidade real, fazendo com que o indivíduo se afaste da sociedade e dele mesmo, "de tal modo que ele acaba por se tornar uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo" (GOFFMAN, 1988; p. 28).

Geralmente as pessoas portadoras de necessidades especiais quando desenvolvem atividades físicas, elas acabam demonstrando superação frente aos estigmas criados quanto a sua situação, é necessário superar as limitações sejam elas em quais áreas forem, o estigmatizado precisa ter autoconfiança e buscar se superar em meio às suas mazelas sociais. A socialização é uma ferramenta importante para as pessoas que sofrem com o estigma, pois dessa forma a pessoa sofrerá mudanças na concepção do seu próprio eu. Segundo Goffman:

[...] a fase do processo de socialização "é aquela na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais [...]. Uma outra fase é aquela na qual ela aprende que possui um estigma particular e [...] as consequências de possuí-lo" (idem; p. 41).

O estigma provocado no corpo é uma cicatriz, uma ferida ou machucado, tem o sentido figurado de indigno, desonroso e de má reputação, era uma marca feita com ferro quente nos braços e ombros dos criminosos ou escravizados. A marca que o negro recebe, do estigma, vem refletida na cor de sua pele e isso ocorria como principal elemento de estigmatização, Fanon chama a esse processo "esquema epidérmico" do sistema colonial. Nas Américas constroem-se discursos e significados para reduzir o negro somente à sua cor, levando embora o esquema corporal histórico-social.

Uma das características fenotípicas do negro, em particular a cor da pele, segundo Goffman vem com a "teoria do estigma" a rede de significações sobre o corpo do negro foi formulada basicamente através da cultura, que corresponde à necessidade de estabelecer um novo modelo do que se desejam. O corpo negro é uma marca na identidade e o mesmo é rotulado socialmente, Stuart Hall, "negro" é transformado em categoria de essência.

O significante “negro” assim como o corpo negro é racializado e desconsidera a memória histórica, a diversidade e o contexto cultural e social. O “corpo branco” passou a representar atributos morais e intelectuais. Segundo Goffman, o estigma pode ser definido como marca ou sinal que designa o seu portador como desqualificado ou menos valorizado, e essa definição de Erving Goffman: “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena” (GOFFMAN, 2004; p.4).

Dentro da perspectiva da sociologia a identidade social dos sujeitos e dos grupos sociais está intimamente relacionada ao estigma. Norbert Elias e John Scotson, em “Estabelecidos e Outsiders”, chamam a nossa atenção para a discussão sobre os efeitos da relação de poder numa pequena cidade da Inglaterra. Nessa cidade são identificadas características sobre o este tema universal humano. Naquela cidade, os autores observaram que as diferenças entre os grupos eram muito pequenas, o que os levou a concluir que “[...] a exclusão e a estigmatização dos *outsiders* pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este grupo preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar” (ELIAS, SCOTSON, 2000; p. 22).

O mito da “democracia racial” cria a ilusão da inclusão e dissimula as tensões raciais, fazendo denúncias sobre a violência simbólica e real e as estigmatizações criem uma identidade negra ambígua e fragmentada, levando a humilhações sociais cotidianas. Existe um paradoxo instalado sobre a subjetividade, conduzindo os negros a um ideal de branqueamento, ou seja, representa a negação da negritude:

Ser branco” tanto quanto “ser negro”, para além da tonalidade que reveste o corpo dos seres humanos, representam “valores”, significados. Para além do branco está a brancura, e tudo quanto essa condição de branco “simbolicamente” representa para o negro. (NOGUEIRA, 2010; p. 43)

Foi publicada uma edição especial sobre literatura afro-brasileira no mês de novembro de 2011, no caderno Prosa e Verso (Jornal o Globo). Para o senhor ainda impera no imaginário social a ideia de que toda contribuição política e cultural do negro só merece destaque no mês de novembro ?²²

Na verdade, os brancos não querem ceder espaço em tempo algum para o negro. Como o Movimento conseguiu o novembro, é nessa época que

²² (Ana Paula Fanon, Disponível em: <<https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2013/11/06/luiz-silva-cuti-entrevista/>>)

os brancos cedem mais, exatamente por que se trata de uma zona libertada no calendário e que, em todo momento, vem sofrendo ataques dos racistas de plantão. O imaginário social ainda precisa ser preenchido pelo valor simbólico do Quilombo dos Palmares e do heroísmo de Zumbi. Ainda que precário em termos do que deve ser, o mês de novembro é uma conquista coletiva negra. Mas, fazemos mal de convergir só para esse mês nossos eventos e reivindicações. Contudo, nesse ponto do calendário o Brasil mudou. 20 de novembro não é uma data qualquer. É o Dia Nacional da Consciência Negra. Quer queiram, que \ ser não queiram, é necessário se pensar o país a partir de uma reflexão profunda sobre a formação escravista, sobre o racismo e a respeito da cidadania a ser conquistada pela população negra. Nenhuma zona libertada pode ficar desguarnecida, pois, senão será novamente dominada. As resistências, por exemplo, ao feriado nacional são muitas ainda. Mas, veja, sobre a independência racista ninguém diz nada. Creio que o Movimento Negro precisa de maior sistematização no campo do marketing de novembro. O sentido de brasilidade do mês de novembro necessita ser mais explorado. Assim, acho que há muito o que fazer, além de não esquecer que se enfrenta o racismo todos os dias do ano.” (CUTI Disponível em: <<https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2013/11/06/luiz-silva-cuti-entrevista/>>)

Capítulo III - A POESIA DE CUTI COMO MECANISMO DE RELEITURA DO PALIMPSESTO DO PRECONCEITO

Este capítulo traz à tona o tema concernente aos Territórios da Afro-Brasildade, influência das religiões de Matrizes-Africanas e a importância das Ações Afirmativas na perspectiva das obras Literárias de Cuti abordando seus variados aspectos sempre em consonância com suas poesias.

3.1-Territórios da Afro-Brasildade

Os territórios da afro-brasildade nada mais são do que todos os espaços onde o negro se encontra. Em especial aqui no Brasil, os negros encontraram suas raízes, seus ancestrais e suas histórias, histórias estas criadas e vivenciadas pelos seus avós, bisavós e tataravós que ajudaram a construir toda essa nação com vestígios de sangue. Isso nos fica claro nas poesias de Cuti, quando no poema *Passado*, do livro “Quizomba de vento e nuvem/poemas”, ele fala que o próprio chão era encerado pelo vermelho do sangue de seus irmãos e que as gotas ainda pingam no salão, mesmo que invisíveis, as gotas de sangue estão lá.

Passado

Depois que as gotas secaram
O chão ficou encerado
De vermelho

Hoje todos dançam no salão escorregadio

Quando digo que pisam meu sangue
Ainda tem gente imaginando que eu minto
Mas a verdade é:
Invisíveis
As gotas ainda pingam²³.

Falar de território da afro-brasildade nos remete a memória da África e do sofrimento dos seus filhos. Não dá para retratar ou se referir a territórios afro-brasileiros, sem citar a mãe África, aquela que era e é o berço dos heróis que construíram essa nação

²³ CUTI, 2013, p.15.

brasileira às custas de muitas chibatadas e mortes. Pessoas que não vieram por conta própria, mas que tiveram que se submeter e se subjugar a autoridades brancas que se diziam donos e senhores de corpos negros, quando estes eram de almas livres. No livro *Poéticas Negras - representações do negro*, em Castro Alves e em Cuti, vemos a imagem contrativa entre pátria e escravidão, sendo explorada no conjunto da obra.

Se o índio, o negro africano,
E mesmo o perito Hispano
Tem sofrido servidão;
Ah! Não pode ser escravo
quem nasceu no solo bravo
Da brasileira região²⁴!

Nesse trecho percebe-se que, desde o romantismo brasileiro, poetas como Castro Alves já criticavam a escravidão. E Cuti os utiliza em suas reflexões na sua obra. Castro Alves aproxima grupos subalternos, aqueles que não têm, efetivamente, um lugar de voz na sociedade.

Embora tratando da problemática do gênero, da subalternidade em relação à mulher indiana - não tocando na problemática da escravidão - uma leitura da obra “Pode o subalterno falar”, da autora indiana Gayatri Spivak, permite que se reflita também sobre o lugar de voz de outras chamadas minorias, como os índios, os negros, os homossexuais (SPIVAK, 2010; p. 38). Sandra Regina Goulart Almeida, no prefácio à edição brasileira, afirma:

Ao concluir que o subalterno não pode falar, Spivak vai além de uma mera resposta objetiva a essa pergunta. Tal afirmação tem sido interpretada erroneamente e de forma simplista, como se Spivak estivesse afirmando categoricamente que o subalterno – ou os grupos marginalizados e oprimidos – não pudesse falar ou que tivesse que recorrer ao discurso hegemônico para fazê-lo. Aqui Spivak refere-se ao fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um(a) outro(a) (ALMEIDA, 2010; p. 129).

Nos textos poéticos Cuti, mas não apenas nestes, encontramos uma luta por esse lugar do negro na sociedade e, conseqüente, o respeito à sua voz, mas não tendo o poeta como mediador. O poeta, o escritor, o intelectual, não podem falar pelo outro. É aí que

²⁴ ALVES, op. cit.; p. 568-569.

aspectos relacionados ao cultivo de uma visão crítica, com que a escola pode contribuir, tornam-se muito relevantes. Ou seja, os intelectuais não devem falar pelos ditos subalternos, mas trabalhar pelo esclarecimento, pela conscientização da luta, da necessidade de que se perceba que a subalternidade é imposta por um poder hegemônico, muitas vezes, imperceptível.

Mas as gotas de sangue ainda pingam”. Como se vê no poema de Cuti já citado: “Quando digo que pisam meu sangue/ Ainda tem gente imaginando que eu minto, mas a verdade é: Invisíveis/ As gotas ainda pingam (CUTI, 2013; p.15). O subalterno não percebe que o é, ou internaliza tal subalternidade, como se ela realmente existisse enquanto natureza do negro – remetendo aqui, novamente à questão do uso da expressão “escravo africano”, em lugar de “africano escravizado”.

Em sua obra “Épuras do social”: Como pode o intelectual trabalhar pelos pobres, o importante professor e escritor Joel Rufino dos Santos tangencia a questão tratada aqui, mencionando a obra de Gayatri Spivak. Para Rufino, há autores que servem como uma espécie de mediadores entre os pobres e as elites socioeconômicas no Brasil. O compositor, pesquisador e escritor Nei Lopes é citado por Rufino como aquele que mais se encaixaria nessa função de trabalhar pelos pobres.

Mas tal trabalho, seguindo o alerta de Spivak, não se realiza tratando o intelectual como representante dos subalternos. Alertando para o fato de que Rufino não utiliza tal denominação, acrescentamos que o poeta Cuti utiliza sua capacidade crítica no momento mesmo em que trabalha muito bem com os elementos poéticos e com as estratégias textuais. Ou seja, com sua obra (a partir de leitura efetivamente atenta de seus poemas), esse escritor paulista ilumina o caminho crítico daqueles que tomam contato com seus textos. Ao invés de mediador ou representante, o poeta torna-se um farol potente para os bons navegantes. Pode ajudar os leitores na luta pela imposição da voz dos negros.

A subalternidade, nas mãos de um intelectual consciente como Cuti, torna-se um campo minado, perigoso, a ser destruído por armas potentes de palavras, de poemas, de textos em geral.

3.2-Análises das obras literárias de Cuti

Intentando aprofundar reflexões sobre as instâncias da exclusão social do negro no Brasil e utilizar o pensamento de Cuti para pensá-las, realizaremos, neste capítulo, análises de alguns textos de Cuti que têm o negro, de alguma maneira como tema. A maneira como o poeta desvela nuances que ficariam perdidas no emaranhado de linhas previamente construídas pela tradição ocidental, serve como ponto de partida [e chegada] de reflexões sobre a vigência de um olhar não apenas preconceituoso, como excludente.

A ideia de uma inferioridade, recrudescida em estudos como os do século XIX, baseado na ciência positivista, que se pode perceber na literatura do naturalismo brasileiro, em obras como *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminhas, faz com que, para ser ouvido, o descendente de africanos tenha sua voz deturpada ou silenciada. A obra “Pode o subalterno falar, de Gayatri Spivak (SPIVAK, 2010, p. 35) pode nos servir bem, aqui, mesmo tendo como enfoque principal, não a questão identitária, em si, mas o gênero. Na obra citada, Gayatri reflete sobre o lugar de voz da mulher. Pode-se, no caso aqui destacado, pensar no lugar de voz dos negros. Autores como Joel Rufino dos Santos têm refletido sobre a relação entre os intelectuais e a exclusão social. Em “Épuras do social”, Rufino trata sobre a definição sobre o que são os pobres, analisa clássicos da literatura realista utilizando as personagens como exemplos para suas definições, dialogando com a sociologia acadêmica, descortinando uma nova ação para os intelectuais que desejam trabalhar organizadamente para os pobres.

Em “Épuras do Social”, Joel Rufino dos Santos inicia sua obra tratando com o título de os pobres, e daí vem fazendo uma narração e síntese sobre algumas obras de Graciliano Ramos, mas citando em especial a obra “Angústia”, 1936, que trata sobre um desfile de pobres: amigos, vizinhos de Luís da Silva. A primeira angústia de Luís da Silva personagem principal, ou seja, o protagonista da obra, é a própria redução do seu nome, Luís, a segunda angústia é passar de pobre para funcionário público e a terceira angústia é a síntese das outras, porém chama-se Marina, um amor que o levou ao desastre. Depois de contar a vida de Luís, Joel Rufino entra com o questionamento se o mesmo era um intelectual, ele aborda seus romances preferidos para darem finalidade a noção da palavra pobre, e daí formula seu livro com o título: Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres?

Pobres são os despossuídos, não de qualquer posse mas de território, de casa de emprego(embora não de trabalho), de local (embora não de lugar),de família(embora não de nome), e enfim do próprio corpo(no caso dos escravos e servos da Colônia e Império).São ,em suma , um estado nômade ou vagabundo-e é curioso como “se virar” designa geralmente, para os pobres, o ato de trabalhar. Pobre é quem se vira (já o miserável não tem essa capacidade) e isso demarca um lugar preciso, quantificável, na estrutura social. Pobre é quem mora em locais pobres (os territórios de pobreza) quase sempre sem água, esgoto e coleta de lixo (SANTOS, 2004; p. 29).

Pelas margens

Às margens de mim
Sequestro de alma
Da intimidade machucada

Suntuosos cativeiros
Publicamente conhecidos
Onde a razão é promessa
E bebe-se medocidas altamente potentes

Nas esquinas da tristeza
Ladrões de alma espreitam
A próxima presa
Ferida de fraqueza
Para o assalto
À mão armada de dogmas
E se houver reação
Disparam
Ameaças e pragas
Fogo do inferno
Julgamento sumário do júízo final
A cada esquina
Ladrões de alma espreitam
Ansiosos pelo dízimo
Servos dos que se autodenominam
Pastores, apóstolos, bispos

Desonestidade velada
Na santa inquisição inspirada
E toda a sorte de espada

A cada esquina há ladrão de alma
Fantasiado de fada

Paz e religião jamais andarão
De mãos dadas

Fanáticos sempre justificam assassinatos
Em nome de deus
E, fariseus, pregam a luta armada contra infiéis a ateus²⁵.

Na análise desse poema de Cuti, pode-se perceber que o eu-lírico faz nos enxergar nuances relativas à religião. Aponta para uma religião vã e vazia, pois ameaça a quem não segue os seus dogmas. Vale ressaltar que as religiões de matrizes africanas tiveram, em vários momentos de sua existência, que serem realizadas e expressadas de modo camuflado, pois consideravam-na profanação do sagrado. E, no presente momento, no Brasil, esse caráter de perseguição aumenta, a cada dia. A voz lírica torna a falar do mal, talvez pelo balanço do vai e vem sem fim. O assalto que retrata na poesia não é um assalto comum, mas um assalto sim de caráter e sinceridade. O assalto não é literal, mas um assalto de crenças, de fé e de moral. Ladrões dentro das igrejas buscando só o bem material, sem realmente se importar com as almas e com as vidas dos que buscam essa religiosidade mercenária. Critica as religiões de caráter cristãos que se aproveitam através da desonestidade da igreja e dos membros que lá frequentam à procura de salvação, nem que para isso fosse preciso pagar para entrar no céu, serem salvos pós morte, ladrões dentro das igrejas roubando os dízimos para si próprios, seu bel prazer. Tal afirmação, nos faz perceber que a verdadeira religião, que vem do verbo no latim religare, ou seja, ligar o homem a Deus, acaba destruindo a humanidade a querer sempre mais e buscar a Deus como barganha, sempre querendo receber algo material em troca. Por isso, no poema, o eu lírico afirma que a religião e a paz jamais poderão andar juntas de mãos dadas, e que a paz, a verdadeira paz independe de religiões.

O movimento negro é, portanto, fruto de uma “negatividade histórica”, nos dizeres de Wilson Nascimento e Joel Rufino dos Santos (1994):

O movimento negro se radica na tradição comum, ele busca da tradição os elementos que permitam perceber a si próprio. Simultaneamente, ele é a afirmação de uma negatividade histórica, de um papel desempenhado

²⁵ SILVA, 2013; p. 128.

na história. Ele é a busca de um outro si mesmo, para além da alteridade desse outro presente, que não é de si”²⁶.

No poema *Identidade Nacional*, passamos pela análise e comparação do negro e o mestiço, com o pântano movediço. O mestiço e o branco, são delimitados pelo rio que passa por eles, Cuti os compara a todo instante num jogo de palavras e rimas e o mais marcante nas poesias de Cuti são os rios presentes em suas poéticas, e geralmente esses rios vem lembrar-nos do sangue que corre em nossas veias. As águas lavam e abrem os caminhos dos pretos, dos negros e demonstra a importância de seu sangue em toda trajetória dos negros afro-brasileiros.

Identidade Nacional

Entre o negro e o mestiço
Passa um ácido pântano movediço

Entre o mestiço e o branco
Corre um rio negro
Ladeado por pedras cortantes

Entre o negro e o branco
Passa um rio mestiço
Lado a lado matagal espesso
De venenoso espinho

No encontro das águas
Delírios das piranhas
Hipocrisias risonhas
E sangue
Ainda muito sangue
E espanto postiço. (SILVA, 2013, p. 42)

Na análise dessa poesia de cunho identitário, aponta-se para a distinção de negro x branco, entre eles existir um rio ácido, que queima, que fere, que causa dor. Pântano movediço, ou seja, o lugar que o negro está e não consegue sair, por mais força que faça, mais se afunda ou se aprofunda no meio do lamaçal movediço. Compara também ao Rio

²⁶ SANTOS, 1994; p. 46.

Negro, ladeado por pedras cortantes, ou seja, o rio, o que afunda, o que puxa, o que faz mergulhar só cabe ao negro se afundar mais e mais, e não sair nunca mais dessa condição.

Porém, passa um rio mestiço, a mistura lado a lado, escondidos, pois são frutos de traições e fornicções dos senhores donos de pessoas escravizadas e donos dos engenhos com as mulheres negras escravas, que eram submetidas ao ato violento sexual obrigatório, nos dias de hoje chamaríamos de estupro, e nessa situação e esses relacionamentos extraconjugais havia a mistura do branco com o negro, nascendo assim os mestiços ou mulatos.

Nesse poema, Cuti volta a retratar a figura da água, dos rios, dos córregos, delírios, loucuras, de peixes que matam, que comem a carne, literalmente de piranhas peixes devoradores que arrancam a carne até alcançar o sangue e devorá-las ferozmente a carne humana até matar. O sangue também vem expresso como uma hipérbole, um exagero deixando claro que o sangue negro permanece nesse rio fétido de hipocrisias, falsidades risonhas. Provavelmente fruto dos relacionamentos dos senhores feudais com as escravas das senzalas.

Boaventura de Sousa - e também Paulo Freire (1996; p.26) - constroem as suas reflexões epistemológicas, políticas e sociais apostando na possibilidade de reversão do contexto de espera sem esperança para a recuperação da esperança. Baseados em Santos (2002), vemos que os conflitos, avanços e limites, são comparados a utopias vistas como realismo desesperado, e o mesmo tem sido a luta do Movimento Negro na sociedade e na educação brasileira, traçando um viés de fazer e produzir saberes emancipatórios.

Há aqui, uma produção do conhecimento que partilha da utopia vista como realismo desesperado, de uma espera que se permite lutar pelo conteúdo da espera; não em geral, mas no exato lugar e tempo em que se encontra. Uma esperança que reside como possibilidade de criar campos de experimentação social onde seja possível resistir localmente às evidências da inevitabilidade, promovendo com êxito alternativas que parecem utópicas em todos os tempos e lugares, exceto naqueles em que ocorreram efetivamente. É este o realismo utópico que preside as iniciativas dos grupos oprimidos que, num mundo onde parece ter desaparecido alternativas locais, que tornam possível uma vida digna e decente²⁷.

²⁷ SANTOS, 2002; p. 35.

Na poesia *Interpretação* temos uma composição de palavras e significados já no título introdutório nos remetendo a três palavras que nos fazem refletir profundamente: são elas inter/ preta /ação. Passemos à leitura para a melhor compreensão da interpretação da poesia de Cuti.

Interpretação

Em a “negra”
Tarsila arrancou nosso cabelo
(Que protestava certamente)
Fez um beijo enorme
Lembrando o inchaço de históricas porradas
Dois olhos rasgados de resignação

A teta colossal da mãe preta pra todo país mamar...
(Menos nós, é claro/escuro!)

Em a “negra”
Tarsila pincelou silêncio em cima de tumulto
E com o braço sustentou bloqueio
Contra o rosto cheio da outra mama
Expressão do drama
Luta
Angústia
Chama
Que Tarsila não soube
Ou quem sabe
Não quis saber...²⁸

A análise parte (INTER Dentro), (PRETA-Raça), (AÇÃO-Agir, atitude). Cuti nesse poema faz uma crítica ferrenha à pintora Tarsila do Amaral, que arrancou o cabelo do negro de sua pintura, supervalorizou um dos traços negros que são os lábios grandes, aumentando mais o seu volume. Trazendo a lembrança, as pancadas que os negros levavam e seus lábios ficavam inchados pelas pancadas e violências recebidas.

Rechaça a imagem dos seios, comparando-os as tetas das vacas que produziam muito leite, pois as negras amamentavam os filhos de coronéis, dos oligarcas, fazendeiros ricos e milionários. Tarsila pintou o silêncio em cima do tumulto.

²⁸ SILVA, 2013; p. 31.

Expressão do drama, luta, angústia. Na verdade Tarsila não quis saber e pintou o que lhe convinha e a forma que enxergava a negra de sua infância, vindo a revela-la já em sua fase adulta, enquanto tinha nas mãos armas para denunciar toda sorte de sofrimento que os negros sofriam. Na parte da resignação é justamente a aceitação sem revolta dos sofrimentos alheios da existência. Quanto a todo o país *mamar*, é um ato de submissão, ou seja, as tetas estavam lá para servir na hora que quisessem, mulheres submissas aos seus donos.

A artista Tarsila do Amaral vivia num contexto preconceituoso, racista e eurocêntrico, não tem como modificarmos esse cenário real naquele período, porém pela mesma ser uma artista que possuía grande influência e que era também uma influenciadora, nos remete a imagem de uma mulher que não estava sendo crítica ou questionadora aos conceitos estruturais que giravam em torno do corpo negro, em especial da mulher negra.

Tarsila do Amaral enquanto mulher, quando trabalhava suas obras em especial *A Negra*, poderia ter ponderado nas expressões e feito questionamentos e conclusões críticas quanto as marcas e os sofrimentos que essa mulher continha em seu semblante. Ao visualizar os lábios inchados, questionar-se sobre as agressões que a mulher negra sofria rotineiramente, quando pintava os cabelos, ou seja, quando não pintou os cabelos da negra, compreender o porquê do motivo de seu cabelo ter sido arrancado estupidamente e não estar ali compondo a moldura do rosto da mulher negra, os seios caídos a ponto de estar jogado nas costas, sendo uma forma da sociedade mamar em suas tetas sugando toda sua essência, força e saúde para amamentar os filhos dos oligarcas e donos de engenhos.

Temos aqui uma Tarsila que nos decepciona e nos leva a acreditar que estávamos muito distantes de questionamentos e questões que envolvessem o corpo negro dentro dos direitos relacionados aos Direitos Humanos, independente da raça, credo ou cor.

Por outro lado, a imagem das mãos e dos pés grandes nos dão a dimensão da força e da raça, que os negros tinham e ainda tem, visão de sua grandeza enquanto ser humano, ser que transforma e concretiza o seu ambiente. Capazes de construir nações, cidades, tribos inteiras. A imagem dos ombros largos capazes de levar um mundo de dores, de lutas e de vitórias em suas costas.

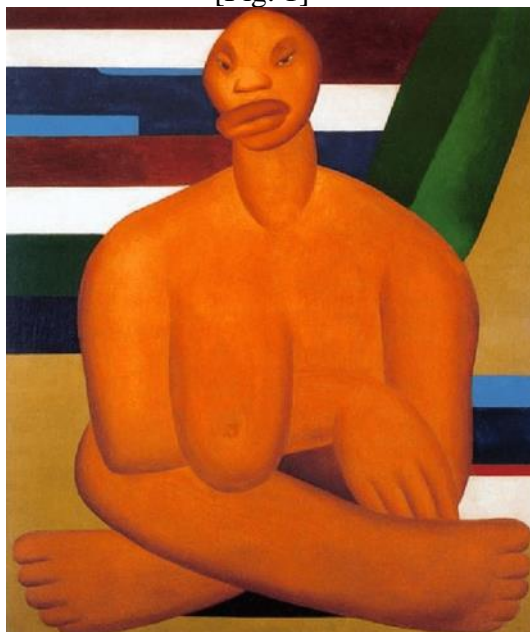
A pintora Tarsila do Amaral foi uma das mais importantes artistas do Brasil, e como tal não problematiza através da configuração estética racista de sua pintura *A Negra* os problemas em questão que os negros enfrentavam, em especial as mulheres negras.

Cuti na poesia em questão *Interpretação*, sente falta do protagonismo negro, trazendo à tona toda sua indignação para tal questão. Foi com o pintor Ferdinand Léger que Tarsila do Amaral estudou em Paris, quando a mesma quis retratar memórias de sua infância. Ela passou dois anos em Paris e retornou a São Paulo em 1922. A tela analisada foi pintada em 1920. Assim que Tarsila retorna ao Brasil ela faz parte do *Grupo dos Cinco*, que defendiam as ideias posteriormente consagradas na Semana da Arte Moderna - o Movimento Modernista. O quadro em questão possui elementos cubistas - o Cubismo foi um dos principais movimentos artísticos a não ligar tanto para a realidade ou estética e dar preferência à algo mais abstrato, imaginário e surreal.

Joel Rufino (1983; p. 45) observou que ninguém em nossas letras resolveu tanto as relações entre negros e brancos. E do ângulo em que se pode ver melhor, o de vítima da democracia racial.

Ora fazer isso num período de militância ferrenha do supremacismo branco era um acinte ao poder instituído, em particular no campo das Letras. A agravante é que Lima Barreto pronunciava-se mulato e negro. O autor mexeu em uma ferida mal curada. Ainda hoje o nível de representatividade da população negra no poder é reduzido, o movimento negro luta para consolidar mísera cotas para estudantes em cursos universitário, a violência tira a vida principalmente de jovens negros e os índices sociais da população negra equivalem aos dos países mais atrasados do mundo. Casos de discriminação racial, muitas vezes silenciados pela grande imprensa, são a todo momento noticiados pelos veículos de comunicação alternativos. Nesse contexto, a obra de Lima Barreto é atualíssima. As formas de bloqueio para a ascensão desse segmento social são inúmeras, variadas e sempre recicladas. E, no Brasil, o racismo jamais se declara. por isso a justiça nacional somente em 1951, com a lei nº 1.390 (mais conhecida como a lei Afonso Arinos), vai se manifestar sobre a prática da discriminação racial, considerando-a contravenção penal (CUTI, 1994, p. 99-100).

[Fig. 1]²⁹



Sem Exagero

Quando você é uma ilha
Cercada de brancos por todos os lados
Claro
O escuro há de ser
Dos bem-comportados
Aquele sorriso

Mas calma!

²⁹ A composição A Negra, obra da pintora brasileira Tarsila do Amaral, pertencente à sua fase “antropofágica”. Foi pintada quando ela estudava em Paris, como aluna de Fernand Léger, e nasceu das recordações de sua infância, passada entre as fazendas de café dos pais, período em que vivia cercada de babás, amas de leite e mulheres que ali trabalhavam. Quando pintou este quadro, ela vivia a descoberta da Arte Moderna. A monumental personagem, que se parece com uma escultura, ocupa grande parte do plano pictórico. Encontra-se sentada no chão, com as pernas cruzadas e esparramadas, e mostra-se quieta e desalentada. A personagem apenas olha fixamente para o observador. Nua, com um grande seio a despencar-lhe sobre a perna direita, enquanto o outro jaz oculto sob seu roliço braço, a figura apresenta lábios grossos e cabeça desprovida de cabelos, mostrando uma dolorosa sujeição à vida. As pinturas “Abaporu” e A Negra são parentes, levando em conta o estilo. As duas composições fundem-se no quadro “Antropofagia”. Segundo depoimento da pintora, quando criança ela ouvia histórias contadas pelas mulheres, que trabalhavam nas fazendas, sobre as escravas que levavam os filhos às costas, enquanto trabalhavam. Para amamentá-los, elas amarravam pedras nos bicos dos seios, de modo a torná-los alongados e passá-los sobre os ombros, pois não tinham o direito de parar o trabalho que faziam. Ao fundo, também existe a presença de elementos cubistas, como a folha de bananeira, em diagonal semi-curvada.

Não precisa arrancar seu dente do siso³⁰.

Nessa poesia, *Sem Exagero*, fica evidente o número mínimo de negros em certos locais, e Cuti mexe com a nossa alma mostrando o negro sendo uma ilha, uma pequena porção de terra, em volta os brancos eurocêtricos que os cercam, não só a ele mesmo, mas a tantos negros aprisionados nessa ilha, rodeados dos brancos, comparando-os a um mar que irá engolir essa ilha ou cercá-la eternamente.

E o que tem de claro nessa ilha, é apenas o branco dos dentes, do sorriso que é dado. Porém o eu lírico, ressalta: Calma! Ainda há jeito, ele acredita que com a luta e a militância toda essa realidade pode ser mudada. Não arranque seu dente siso, fazendo alusão do dente siso com juízo, ou seja, a maioria, momento que temos mais clareza e sabedoria para tomarmos decisões.

Passado
Depois que as gotas secaram
O chão ficou encerado
De vermelho

Hoje todos dançam no salão escorregadio

Quando digo que pisam meu sangue
Ainda tem gente imaginando que eu minto
Mas a verdade é:
Invisíveis
As gotas ainda pingam³¹.

A poesia *Passado*, fala das gotas de sangue derramadas, que enceraram e ainda pingam no chão de nossas memórias de vermelho, mas não vermelho da cera, que era chamado vermelhão, mas as gotas de sangue negro derramadas sem dó e nem piedade, nos vários chãos da alta sociedade. Hoje, a casa grande dança no chão escorregadio. Quando dizemos que pisam meu sangue, segundo o eu lírico, acham que mentimos, mas é o nosso sangue e o sangue dos nossos ancestrais. E, na verdade, estão invisíveis, mas ainda pingam as gotas, mesmo que invisíveis.

³⁰ CUTI, 2001; p. 23.

³¹ CUTI, 2013; p. 15.

Quando digo meu sangue, trago à memória o sangue dos meus ancestrais: Minha bisavó que era escrava, minha avó materna que era filha de escrava, minha mãe negra dos olhos verdes, que nunca permitiam que saísse da senzala, com comentários ofensivos e cheios de ódio quando a perguntavam: - Seus olhos são lentes? No porquê da pergunta estaria intrínseco que só os brancos podem ter olhos verdes [e o negro não]? Não pode ter características próprias, além disso tudo, minha mãe deixava cada gota de sangue nas fábricas de costura para pôr o alimento dentro de casa e o meu sangue como bisneta, neta e filha, ainda escorre nas minhas salas de aula quando leciono e não sei se pagarei ou se já ando pagando, correndo o risco de não poder me aposentar devido as mudanças das leis de um país aristocrata, burguês, egocêntrico, corrompido, com um corpo judiciário vendido. Só sinto que o meu sangue, anda a pingar e as gotas molham o chão da minha sala de aula onde leciono, sem saber se vou gozar minha aposentadoria e ser feliz um dia, ou se a escravidão também será a minha sina, não com marcas de chicotes nas costas, mas com o peso do sofrimento que carregavam meus ancestrais e que carrego ainda hoje.

Calçada

Muita gente dorme na rua
Sente ali
O lugar de lixo
Vala
Herança de senzala

Vai virando bico
Bichado de vícios
Inércia perante a vida
Vítima

De bala
Premeditada
De aparência perdida

Muita gente
De tanta dor
Mente
Para si mesma
Que já viro morte
Outros passam
Pensam
“É uma questão de sorte”
Cospem

Conivência
Esmola
E seguem
Com a consciência tranquila³².

O poema *Calçada* inicia-se com um jogo de palavras onde as rimas estão presentes nos termos utilizados: VALA x SENZALA, VIDA x PERDIDA, MORTE x SORTE, GENTE X MENTE, COSPEM x SEGUEM. O poema é composto de três estrofes, tendo a primeira cinco versos; a segunda, com sete versos e a terceira com trêze versos. Compara o ser humano morador de rua ao lixo, herança da senzala, ou melhor dizendo herança da libertação, que na verdade não libertou ninguém, mas aprisionou-os tornando-os bichos, viciados, bichados, inertes para a vida. São somente vítimas da bala pedida, porém premeditada, pura aparência mesmo que essa bala não perfure, ela acerta da mesma forma e de forma letal, fatal.

Os mesmos que estão na calçada, já estão mortos de tanta dor. Quando os transeuntes passam, acham que é questão de sorte aqueles sujeitos viverem ainda, mesmo que seja naquela situação deplorável de mendicância. “Pessoas passam, cospem com nojo, dão simples esmolas para calar suas consciências pesadas em não ajudar o seu próximo e prosseguem com a consciência tranquila dando continuidades as suas vidas”.

Querer

Quis esta kizomba
Que zomba
Chora, ri, faz moganga

Esta kizomba
Acolhe ou tromba
Ginga, tomba, levanta
Canta, dança e sua
Sua matriz

Sede de antigas chagas?
Amor
Chafariz

Quis esta kizomba

³² CUTI, 2013; p. 14.

Escrita a carvão e giz
Pra o preto no branco
Ser mais feliz³³.

Na análise dessa poesia, *quizomba* é um gênero musical e um estilo de dança originários de Angola, erradamente confundido com o Zouk, devido ao ritmo ser semelhante. Os elementos sonoros são marcantes dentro do poema que ratificam a ginga que está presente nos versos, através das vogais aparecem no fazer dançar, mover, gingar, tromba, levanta, canta e dança. Isso marca a ginga, um traço cultural dos descendentes dos africanos. Marcadamente as mulheres e sua sensualidade. É a transformação do que é ruim em arma, instrumento de uma dança para o bem, para a superação.

Sua origem é a *Semba*, *kilapanga* ou o merengue angolano³⁴. Contexto cultural início dos anos 80. Popularmente conhecido nos países lusófonos e comunidade lusófonas, espalhadas pelo mundo. Quis esta quizomba, que zomba, chora, ri, faz moganga

Em Portugal Kizomba é usada em termo de marketing para qualquer música derivada do Zouk. Kizomba geralmente é cantada em Português, ocasionalmente contém elementos musicais do Semba.

Semba significa um dos estilos musicais angolanos mais populares. A palavra Semba significa umbigada em Quimundo, década de 50 e 60, surgiu pelos escravizados.

Quando nos aprofundamos na análise poética de *Querer*, a Kizomba acolhe ou tromba, ou seja, traz alegria e ajuntamento dos corpos, união dos umbigos. Quis esta dança para zombar, ir e chorar. Unidas por danças alegres retrata a união das raças, que se unindo são mais felizes. Faz também um paralelo entre o carvão e o giz, que na dança podem se unir independente da raça ou cor. Mata a sede das antigas dores, chagas que trazem antigos sofrimentos. Quando os povos querem, existe a união através da dança, da raça e das cores (branco do giz e preto do carvão).

Na realidade, a união das raças e das cores, acontece quando menos percebemos. Possui quatro estrofes. Duas contendo três versos e outras duas contendo cinco versos; e

³³ CUTI, 2013; p. 13.

³⁴ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Semba>

outra com quatro versos, numa estrutura bem diferenciada das poesias e dos poemas comuns na literatura brasileira. Daí, rotulamos como literatura *Afro-Brasileira*.

Durante séculos a corporeidade negra viveu sob um intenso processo de regulação marcado pelo processo de colonização, pelo tráfico negreiro e pela escravidão. Essa regulação não deixou de existir após a abolição da escravatura, mas assumiu contornos diferenciados junto com os processos de regulação capitalista e, nos dias atuais, com aqueles gerados pela globalização neoliberal. (GOMES, 2017; p. 97).

Sanga

Neurônios adentro
Vão-se as palavras tecendo a vida e a morte

Alaga-se o espelho de riso e lágrima
Onde a escuridão celebra o mistério e a bonança

O sol nada com sua avidez de sombra
Até que docemente unguido
Se permite o orgasmo e alcança
A noite pelo seu íntimo

Untados os raios com abissais carícias
De bronzeadas a luz enegrece
Transformada em toque e delícia
Por entre as pedras
Abrindo atalhos e sendas³⁵.

A Sanga é boca afunilada de qualquer armadilha de caça, ou pesca; algrião. Sangha ou Sanga (em Páli, sangha; em sânscrito. Também significa curso de água muito pequeno, córrego que se seca facilmente, escavação produzida na terra pela chuva ou por águas subterrâneas. Sanga também significa comunidade monástica de Buda, discípulo de Buda, palavra que pode ser traduzida aproximadamente, associação, assembleia.

Nessa poesia, *escuridão* pode subtender-se como dança no escuro ou dança negra, como se fosse um ritual. O sol não alivia a pele dos negros durante o dia enquanto estão na labuta. Quando se trata do orgasmo e alcança a noite pelo seu íntimo, podemos

³⁵ CUTI; 2002, p. 91.

imaginar ou mensurar o clímax do prazer, abrindo atalhos e sendas seria o próprio ato sexual em si, ato da penetração, chegar ao prazer por completo, só durante a noite, pois no período do dia eram obrigados a trabalhar de sol a sol. Sangha preenche o papel de preservar os ensinamentos do Buddha e fornece suporte espiritual para a comunidade leiga.

Teravada (linha dos anciãos), através do Cânon Páli, essa linha dos anciãos refere-se ao celibato e vegetarianismo. A dispersão do Budismo através de diversos países, regras originais forma modificadas ou abandonadas enquanto outras novas foram adotadas.

Entrave

Difícil educar a piedade que nos humilha
A nos ilhar
E surpreender
Com suas armadilhas

O passado traspasado no peito
Incitação ao fogo
Desta antiga dor que insiste e canta
Trabalha e dança
E nos embala à noite

Difícil educar a piedade que nos humilha
E no sonho
Ameaças ou caça
Os mais pueris desejos
De ser
Felizmente negro³⁶.

Encontramos rimas **humilha X armadilha; educar X ilhar**, trabalho e dança acabam se amalgamando, confundindo-se em uma coisa só, o embalo das noites as danças ocorriam, porém durante o dia no lagar, mesmo fazendo serviços braçais, pesados os movimentos no remetem a danças, e é essa dança que dá força para trabalhar no dia seguinte durante todo o dia, até o sol se pôr. Os pueris desejos, são os desejos infantis, inocentes de ser um negro feliz. A piedade, bondade, pena (humilha o negro que quer ser respeitado e livre como qualquer cidadão, obter seus direitos).

Traspasado no peito, incitação ao fogo (desejo / prazer / chama que arde e faz queimar, mesmo sem ter fogo literal), já o passado, que traspassa o peito, os rasga e traz as

³⁶ CUTI, 2002; p. 48.

lembranças tristes do sequestro que os negros sofreram, duro golpe, pois vieram obrigados, sequestrados para algo que não desejavam - a escravidão.

Vejamos um poema de Cuti como mote para as futuras indagações e reflexões da dissertação:

Sou negro

Sou negro
Negro sou sem, mas ou reticências
Negro e pronto!
Negro pronto contra o preconceito branco

O relacionamento manco
Negro no ódio com que retranco
Negro no meu riso branco
Negro no meu pranto
Negro e pronto!
Beijo
Pixaim
Aba largas meu nariz tudo isso sim
-Negro e pronto
Batuca em mim
Meu rosto
Belo novo contra o velho belo imposto³⁷.

No poema “Sou negro”, percebemos a busca da relação antitética entre o velho e o novo. A marca da antítese, fundamentada na oposição dos termos novo e velho aponta para duas formas de beleza: o “belo novo contra o velho belo imposto”. O velho é imposto, que significa a permanência da tradição. O “novo “rostro” é a representação das mudanças, dos aspectos de vanguarda, temido por quem detém um poder. O negro, por sua própria existência, torna-se um desafio. O negro é diferente. O negro sobressai. E o diferente assusta a tradição imposta. Assim, nos revela o eu-lírico, não é preciso “repaginar e/ou”, traduzir a beleza do negro passando por um filtro “embranquecedor”. O negro tem sua beleza, tem suas características próprias “negro e pronto! / Beijo/ Pixaim/ Abas largas meu nariz/Batuca em mim meu rosto”. Como afirma Luiz Henrique Silva de Oliveira em sua dissertação de Mestrado, *A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti: de objeto a sujeito*:

³⁷ CUTI, 1978; p . 9.

Aqueles que passaram pela diáspora ou originários dela teceram e/ou tecem ainda hoje assimilações e repúdios, negociações, ampliação ou redução de fronteiras e conceitos culturais, dissimulações e atos concessivos, processando, assim, uma forma de reconfiguração do espaço de origem. Os traços fenotípicos são constantemente tema da literatura afro-brasileira, pois o corpo carrega consigo marcas de atração e/ou repulsa [...] (OLIVEIRA; 2007, p. 163) .

A representação do negro nessa poesia é uma redundância afirmativa identitária, transformando o recurso tanto estético como político, há de convir também que é didático, tornando o discurso eficaz. Aqui devemos nos ater aos recursos que são eficazes entre a razão e a significação da insistência, expressões contra imagens, para que o leitor não somente leia, mas se valha do verdadeiro sentido. A palavra *negro* tem uma redundância, no sentido de transitar entre as diversas e variadas culturas, a fim de mapear uma cultura eurocêntrica, racista, universal, marginal (no sentido de estar à margem, ou seja, fora do trajeto comum) e absoluta, representando os seus descendentes pessoas escravizadas, não valorizando sua raridade, mas tendo um fino trato depreciativo.

3.3 - Cadernos Negros, escritos de resistência

Nesta parte da dissertação, nos debruçaremos sobre a proposta da obra *Cadernos Negros*, a partir do número 20 - Contos Afro-Brasileiros, cujo organizador é o coletivo Quilombhoje. Foi publicado em 1997, pela Editora Convivência e traz a contribuição de vários colaboradores e autores. O Caderno Negro, com sua vigésima edição, chega à sua maioria. No prefácio, Aroldo Macedo, da revista Raça Brasil, diz:

Quanta água passou por baixo da ponte... Quanta tinta negra em páginas brancas. Num país que não se pode considerar o leitor, é um recorde! Posso ir além: Um feito digno de uma raça que acredita em si mesmo.

Na Revista Raça Brasil, o diretor Aroldo Macedo afirma que os cadernos negros, onde publica obras de visão crítica da vida, encontra uma visão mais humana dos problemas cotidianos sob a ótica do negro, os cadernos abordam as tristezas e alegrias, lágrimas e sorrisos, tudo o que o negro sofre na pele no seu dia-a-dia.

Um país como o Brasil, onde as contradições sociais dificultam o acesso à educação, a Revista Cadernos Negros passa a ser um quilombo da literatura, símbolo da

resistência literária, sua produção trabalha no processo de sistema cooperativo dos escritores, onde os mesmos expressam garra e determinação ao se debruçarem as páginas, onde temos escritos de qualidade e excelência dentro da contemporaneidade.

Na edição do vigésimo volume dos Cadernos Negros temos os seguintes autores assinando os títulos publicados: Abílio Ferreira; Aristides Theodoro; Cuti; Éle Semog; Esmeralda Ribeiro; Fausto Antônio; Henrique Cunha Júnior; Iracema M. Régis; Kasabuvu; Lepê Correia; Lia Vieira; Márcio Barbosa; Miriam Alves; Will Martinez.

O artista e Mc KJ Jay, nome artístico de Kleber Geraldo Leis Simões, integrante do grupo de rap Racionais MC's, completa a apresentação dos Cadernos Negros com a seguinte frase:

Malandragem de verdade é viver, porque é preciso ser malandro pra fugir de tudo o que nos faz mal, a gente precisa perceber que tamo vacilando até umas hora, morô?

Apesar do capitalismo selvagem, da globalização e da pobreza que herdamos nesses quatrocentos anos é preciso lutar e remar contra a maré..”

Revolução no ar; todo o poder para nós, seres humanos de pele escura e/ou muitas vezes nem tão escura, mas descendentes dos africanos [...] (<https://www.letras.mus.br/cidade-negra/319960/>).

As limitações do nosso povo, na maioria das vezes, são as mesmas. Estudar pouco, mal terminar o primeiro segmento do ensino fundamental, gastar o pouco dinheiro que se tem, muitas vezes ganho de maneira humilhante, com roupas exclusivamente feitas e divulgadas para e pelo outro povo; gastar com álcool que também é droga, mas é a droga que muitas das vezes alivia a dor e o peso que se leva nas costas, seja do trabalho pesado, ou seja, dos problemas imbricados em tantas questões reais na condição do ser humano negro, dos estigmas, do preconceito, esse álcool a televisão e nas mídias sociais que quase nos obrigam a consumi-lo, fazer sambas nos finais de semana ou curtir um baile, ou até mesmo um forró / pagode / roda de samba, isso quando não estão envolvidos com o tráfico.

Na realidade cabe a cada um de nós estudarmos não só a Matemática, o Português ou a Geografia, mas também História (a nossa história), a história Afrobrasileira, onde muitos nem sequer reconhecem tais palavras, apenas fazem a junção das mesmas, sem perceber ou valorizar sua significação e importância em nosso meio social, seja no gueto, no morro, nas favelas ou até mesmo nas mansões.

A arquiteta e documentarista Dulce Maria Pereira³⁸ traz para os Cadernos Negros a seguinte visão:

Cadernos Negros, muito antes do conjunto social reconhecer a legitimidade e a contemporaneidade dos movimentos sociais negros, ofereceu-se como útero generoso para gestar e dar à luz formas variadas da expressão literária afro-brasileira urbana. A sensibilidade e a genialidade das mulheres e dos homens que concretizam essa iniciativa se manifesta no texto e na forma, que se transforma, chegando hoje, no todo em partes, aos vários países do mundo. (FIGUEIREDO, 2009; p. 87).

O caminho percorrido pelos Cadernos Negros é aquele de milhares de seres humanos negros, no contexto urbano, cujas habilidades criativas em qualquer área seriam lixo para o estômago dos abutres, ou que estariam apodrecendo nos manicômios, não fosse conquistado esse direito à expressão de suas vozes inteligentes, o acesso ao discurso e à criação de seus próprios e diversificados negros discursos

Muitos dirão: não foram negros quase todos os principais Escritores Brasileiros, Machado de Assis, Cruz e Souza, Lima Barreto?...E o que dizer de Luiz Gama, Carolina de Jesus?...Certamente sim. Foram gigantes, cuja produção foi longamente negada ou negligenciada como referência negra na Literatura Brasileira. Por isso mesmo a importância dos Cadernos Negros.

Muito mais do que um espaço para publicação, ou para o exercício literário, eles são a oferta de uma referência para os brasileiros (e mais e mais para o mundo uma vez que já se fazem presentes em importantes eventos literários), do recriar da negra vida neste tempo e espaço do planeta.

O Quilombhoje tomou o mundo editorial, transpôs limites e abriu novos caminhos no mundo editorial. Quilombhoje e Cadernos Negros encontram-se numa encruzilhada, começam a ser reconhecidos internacionalmente e suas obras passam a serem publicadas nos Estados Unidos e na Alemanha. Os contos e poemas passam dos autores Afro-Brasileiros para serem traduzidos para o alemão e inglês.

Suas obras são estudadas em Universidades prestigiosas dos Estados Unidos – entre elas, Princeton University, Tulane University, University

³⁸ Dulce Maria Pereira, à época da publicação do Nº 20 da revista, era diretora do programa O Mundo NEGRO-BRASILAMEFRICARE da Rádio USP e Presidente da fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura.

of Arizona , University of Califórnia , Texas Christian University , e outras . As estantes de dezenas de bibliotecas universitárias têm cópias das obras de autores Afro-Brasileiros que Cadernos Negros apresentaram ao público. A influência d série Cadernos Negros n África, América do Norte e outras partes da América Latina se deve em parte ao estado dos acadêmicos que escreveram sobre as obras e apresentam seus trabalhos em congressos internacionais e publicam suas análises nas revistas dedicadas à crítica literária (CADERNOS NEGROS, 2002; p.12).

3.4 - Nas entranhas e entrelinhas do corpo do texto do negro

Em termos textuais, ao longo da dissertação, apontamos para o uso reiterado de elementos relacionados à água, ao corpo, aos estigmas do negro, dentre outros. O arsenal estratégico-textual de Cuti tem como principal munição sua capacidade de utilizar a conotação com simplicidade, criando passagens poéticas complexas e não menos fáceis de serem entendidas.

Nesta parte final da Dissertação, escolhemos poemas que ratificam essa capacidade ímpar de trazer o cotidiano, os problemas, a discussão dos estigmas, da consciência identitária e, ao mesmo tempo, produzir arte. Vamos aos textos:

Para ouvir e entender “Estrelas”

se o papai-noel
não trouxe boneca preta
neste natal
meta-lhe o pé no saco!³⁹

Nesse poema, Cuti, que faz o jogo lúdico com a imagem do papai Noel, é sutil e brilhante, nesse poema-piada. Apontando para o chulo, que seria o saco escrotal, a graça, o humor vem quando lembramos que o presente, a boneca pedida pela menina, vem em um saco, o famoso saco de Papai Noel. A força do humor vem das expressões de base chula “chute no saco”, “pé no saco”, que em realidade se relacionam a um golpe, uma pancada ou um momento ruim. E tal golpe seria dado, caso o Papai Noel não compreendesse a importância da atenção aos traços identitários da menina negra.

Quebranto

às vezes sou o policial que me suspeito

³⁹ CUTI, 2007; p. 136.

me peço documentos
e mesmo de posse deles
me prendo
e me dou porrada⁴⁰

O poema *Quebranto*, em sua primeira estrofe, já aponta para a autocrítica severa, ou mais, para a baixa autoestima dos negros. O próprio negro se cobra, muitas vezes se auto destrói, que desconfia, muitas vezes, simbolicamente ou não, de si.

[...]
às vezes sou o porteiro
não me deixando entrar em mim mesmo
a não ser
pela porta de serviço⁴¹

A inferioridade está, muitas vezes, tão internalizada, que o próprio negro não se coloca em primeiro plano ou em pé de igualdade com os outros. Assim, se vê como menor, como inferior. A noção “porta de serviço” se relaciona a inferiorização, ao que não está em primeiro plano.

[...]
às vezes sou o meu próprio delito
o corpo de jurados⁴²

A punição que vem com o veredicto. O autojulgamento rígido faz com que o negro se culpe, se sinta culpado, se autopuna por algo que já internalizado socialmente.

[...]
às vezes sou o amor que me viro o rosto
o quebranto
o encosto
a solidão primitiva

que me envolvo com o vazio⁴³

A própria pessoa negra pode não reconhecer sua importância, se acha ruim, de diversas maneiras. Daí poder sentir-se só, inferior.

[...]

⁴⁰ CUTI, 2007; p. 136.

⁴¹ CUTI, 2007; p. 136.

⁴² CUTI, 2007; p. 136.

⁴³ CUTI, 2007; p. 136.

às vezes as migalhas do que sonhei e não comi
outras o bem-te-vi com olhos vidrados
trinando tristezas⁴⁴

A inferioridade pode ser assumida de tal maneira que leve a pessoa negra se contente em ser tratada, efetivamente, como, inferior, subalterna.

[...]
um dia fui abolição que me lancei de supetão no
espanto
depois um imperador deposto
a república de conchavos no coração
e em seguida uma constituição
que me promulgo a cada instante⁴⁵

O próprio ato de não se sentir inferior, “ser abolição” não é um ato sólido. A remissão ao regime imperial e à república, em realidade se relaciona aos próprios autojulgamentos.

[...]
também a violência dum impulso
que me ponho do avesso
com acessos de cal e gesso
chego a ser⁴⁶

A reflexão identitária avança na busca de um rosto que “de cal e gesso”, forjado, acaba não sendo o seu, dificultando a percepção efetiva, sem estereótipos, de si.

[...]
às vezes faço questão de não me ver
e entupido com a visão deles
sinto-me a miséria concebida como um eterno
começo⁴⁷

A pessoa negra se vê a partir do olhar do outro, “entupido da visão deles”, fugindo de si mesma, sentindo-se cidadã de segunda categoria.

[...]
fecho-me o cerco
sendo o gesto que me nego
a pinga que me bebo e me embebedo

⁴⁴ CUTI, 2007; p. 136.

⁴⁵ CUTI, 2007; p. 136.

⁴⁶ CUTI, 2007; p. 136.

⁴⁷ CUTI, 2007; p. 136.

o dedo que me aponto
e denuncio
o ponto em que me entrego.
às vezes!...⁴⁸

O cerco identitário negativo – permita-se que o diga, o texto - é fechado quando a fuga de si mesmo surge como saída. “A pinga que me bebo e me embebedo”. Na ausência da luta ou da percepção da necessidade dela, o negro se entrega, bebe a si mesmo, ou seja, não consegue ver a si mesmo, sóbrio, com seus próprios olhos. Acaba vestindo os trajes dos estigmas, dos estereótipos. Mas parece ainda haver saída, pois o poema inicia e se encerra afirmando que nem sempre deve ser assim, pois tal perda identitária ocorre, às vezes.

Os textos aqui trabalhados interpretativamente apontam simultaneamente para uma maneira crítica de refletir sobre o negro, mas ao mesmo tempo sempre deixando uma ponta de esperança de que o negro não entregue os pontos, nunca.

⁴⁸ CUTI, 2007; p. 136.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação desenvolve reflexões sobre a identidade do negro, problematizada nas obras de Luiz Silva, conhecido pelo pseudônimo de Cuti. Utilizamos a denominação Literatura Negro-Brasileira a partir das reflexões do autor sobre ela, que são contempladas em suas produções literárias. Atenta-se, além disso, para possíveis perspectivas educacionais contidas em seus textos.

Há, também, comentários que têm como base a importância de abordar e trabalhar a Literatura Negro-Brasileira dentro e fora das salas de aula. Com essa preocupação, em vários momentos, o texto aponta para as orientações contidas na Lei Nº. 10.639/03, que trata de questões referentes ao racismo, identidade e preconceito racial, temas esses que são primordiais para essa dissertação de mestrado.

O objetivo mais amplo do trabalho, como se pode perceber ao longo de seu desenvolvimento, foi compreender os estigmas criados sobre o negro e o combate desse estigma através das obras literárias de Cuti. Entendemos que o autor utilizou e utiliza sua capacidade artística a serviço da luta contra as desigualdades sociais e a favor das lutas antirracistas em todas as suas esferas. Mas, acima de tudo, Luiz Silva é um artífice da palavra que usa malandragem textual e conhecimento da História do Brasil para criar verdadeiras obras primas.

Como se disse, ao longo do texto, esta dissertação surgiu a partir de questionamentos que visavam a refletir sobre a trajetória artística de inclinação política e social nas poesias de Cuti, os aspectos inerentes aos movimentos negros e literários, bem como intenta apresentar Cuti como um autor preocupado com o protagonismo do negro dentro de um sistema social, político e econômico tradicional excludente, e, principalmente pensar na problemática da vivência do negro no Brasil e sua exclusão social.

Foi inevitável – e fundamental - adentrar em discussões polêmicas, como a das cotas, do mito de ausência de racismo no Brasil; da mestiçagem, da eugenia, dentre outros, que, embora não sejam os eixos do trabalho, dialogam com ele. São temas, ao mesmo tempo, antigos e atuais, que têm entrado em inúmeras discussões nos últimos anos.

Um dos temas abordados nessa dissertação foram os territórios da *afrobrasilidade*, onde nada mais são do que todos os espaços onde o negro se encontra, em especial aqui no Brasil,

lugar este em que os negros encontraram suas raízes, seus ancestrais e suas histórias, histórias criadas e vivenciadas pelos seus avós, bisavós e tataravós que ajudaram a construir toda essa nação com vestígios de sangue como nos fica claro nas poesias de Cuti.

Dentro da perspectiva das análises das obras literárias de Cuti podemos perceber e compreender as políticas que favorecem o ingresso da população negra nas universidades e nos grandes IES, e essa percepção se dá em um de seus poemas que é *Gota do que não se esgota*. Nessa poesia a discussão sobre as práticas de exclusão se fundamenta e visa a combater a herança do processo de escravidão entre as práticas do racismo, bem como a segregação racial que vitimiza e vitimizou a população negra no Brasil.

Enfim, em termos gerais, a dissertação teve como premissa o fato de que todo ser humano tem sua identidade própria, individual, peculiar, que deve ser respeitada e que os textos de Cuti, em especial suas poesias nos auxiliam a compreender melhor as dificuldades encontradas pelos negros de encontrar e impor seu lugar de voz. Retomando as menções ao estudo da indiana Gayatri Spivak, aponta-se para a resistência ao tratamento dos negros como subalternos. O trabalho de Cuti segue na mesma busca empreendida por autores [pre]ocupados por [e com] movimentos ligados à defesa dos direitos dos indígenas, dos LGBTs, das mulheres, das mulheres negras, dentre outros. Entendemos que só é possível trabalhar bem com as diversidades, se se compreende, se se aprofunda o conhecimento das identidades.

Ao iluminar caminhos reflexivos sobre a importância de se ver e ler criticamente as ocorrências cotidianas relativas aos negros, a poesia de Cuti trabalha com temas que têm o sabor das diferenças culturais e raciais tratadas com respeito e carinho. Como evoca o samba da nossa querida escola de samba Estação primeira de Mangueira, de 2019: “Brasil, meu nego/Deixa eu te contar/ A história que a história não conta/ O avesso do mesmo lugar/ Na luta é que a gente se encontra(...)”. Esta dissertação se encerra evocando as energias dos ancestrais, seus ritos, seus amores e sabores, inspirando-se nos gingados estratégicos e não menos belos daqueles e daquelas que ajudaram a construir o Brasil, mas que são silenciado[a]s e/ou enredado[a]s por discursos – não apenas políticos - sorrateiros que aparentam respeitar os direitos de todos, mas que, simultaneamente os vilipendiam.

A beleza do negro, sua alegria, seu siso e seu sorriso, não se perdem em meio aos perversos percalços a que é submetido. Dito isso, podemos encerrar a dissertação abrindo-

a à dança das reflexões que ela mantém e suscitará, entoando mentalmente o conhecido samba da eterna compositora e cantora, Ivone Lara, aqui incorporado como narrativa, ao nosso texto, pois sintetiza as preocupações básicas deste trabalho. “Um sorriso negro, um abraço negro, traz felicidade, negro sem emprego, fica sem sossego, negro é a raiz da liberdade”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Prefácio – apresentando Spivak. In: SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida (e outros), Belo Horizonte: EDUFMG, 2010.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BERND, Zilá. **Negra Brasileira, antologia**. São Paulo: Editora AGE, 1992; p. 82.
- COUTINHO, D. , Almeida-Filho, N., Mattos, A. S. De, & Virgens, P. A. das. **Ensino da psicanálise na Universidade: revisão da literatura sobre o assunto no Brasil**. In J. C. Salles & A. M. Chaves (Orgs.), *Livro de resumos. II Encontro de São Lázaro* (p. 140-141). Salvador: Quarteto, 2011.
- DAVIS, A. (2016a). Angela Davis apresenta o livro da camarada Erika Huggins, trad. Jaqueline Conceição da Silva. Disponível em: <http://www.almapreta.com/editorias/realidade/traducao-inedita-angela-davis-erika-huggins>. Acesso em: 31 jan. 2018.
- DAVIS, A. (2016b). **Mulheres, raça e classe**, trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DU BOIS, J. W. **Competing motivations**. In: HAIMAN, J. (Ed.) Iconicity in syntax. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- CADERNOS SUBVERSIVOS; Disponível em: <https://litsubversiva.wordpress.com/2012/08/01/idiossincrasia-literaria-com-luiz-silva-cuti-2/>. Acesso em: 31 jan. 2018.
- CARVALHO, Fernando. Lei 10.639/03 e o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Disponível em: <<https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm>>. Acesso em: 31 jan. 2018
- CUTI, Luiz Silva. **Poemas da carapinha**. São Paulo: ed. do autor, 1978.
- _____. **Batuque de Tocaia**. (poemas) São Paulo: Ed. do Autor, 1982.
- _____. **Flash crioulo sobre o sangue e o sonho**. Belo Horizonte: Mazza edições, 1987.
- _____. CADERNOS NEGROS. Volume 20 - **Contos Afro-Brasileiros**. Organizador: Quilombhoje, ano 2001.
- _____. CADERNOS NEGROS. **Aos melhores poemas**. São Paulo. Quilombhoje, ano 2002.

- _____. **“Castro, ouves a poesia negra”**. In Scripta (Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas). Belo Horizonte: ed. PUC Minas, 1998. v. 1. n. 2, p. 201-210.
- _____. **Um desafio submerso: Evocações, de Cruz e Sousa, e seus aspectos de construção poética**. Campinas: Unicamp, 1999. Dissertação de mestrado.
- _____. **Sanga**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2002.
- _____. **Negroesia**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.
- _____. **Negros em Contos**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 125,126.
- _____. Luiz Silva. **Literatura Negro- Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- _____. Lima Barreto. **Retratos do Brasil Negro**. Editora: Selo Negro, 2011.
- DAVIS, Angela. **Mulher, classe e raça**. Tradução Livre. Plataforma Gueto, 2013.
- DIAS, João Ferreira. **Nos trilhos do pensamento religioso Yorùbá**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2016, 115 páginas. Original: Fórmulas Religiosas entre os Yorùbás: Olódùmarè, Òrì!à, À!", Orí e Ìpin, dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras das Universidade de Lisboa, 2011.
- ELIAS, N.; SOCTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- ENGELS, Friedrich. **A Dialética da natureza**. R. Janeiro: Paz e Terra, 1991. Trad. J.B.S. Haldane.
- FANNON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira e GORDON, Lewis. Salvador: Edufba, 2008.
- FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. **A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações**. Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Letras Programa de Pós-graduação em Estudos Literários Belo Horizonte, 2009.
- FERNANDES, Viviane Barbosa e SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de . **Identidade Negra entre exclusão e liberdade**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. Nº63. São Paulo. Abril. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103-120>
- GALTON, F. **Hereditary talent and character**. Macmillan's Magazine, 12, p. 157-66, 318-27, 1865.
- _____. **Restriction in marriage**. Sociological Papers, 2, p. 3-17, 49-51, 1906. Disponível em: <www.galton.org/eugenicist.html>. Acesso em: 21 out. 2008.

GOBINEAU , Joseph Arthur .GABI· *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines* .
Publicado entre 1853 e 1855.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. LTC,
1988.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento negro Educador-Saberes construídos nas lutas
por emancipação**. Editora: Vozes, 2002.

GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade
negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. 2002. Tese (Doutorado). Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

GOMES, Nilma Lino. “**Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos
currículos**”. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2006. Disponível
em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>

GOMES, Nilma Lino . Organizadora do IV Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros.
2006. (Congresso).

GOMES, Flávio; MATTOS, Wilson Roberto de. “**Em torno de Áfricas no Brasil:
bibliografias, políticas públicas e formas de ensino de história**”. In: FEITOSA, L. C.;
FUNARI, P. P. R.J. / 2010

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. RIBEIRO, Ana Paula Alves (Organizadoras). **A Lei
Nº. 10.639/03 e a formação de educadores/História e a cultura africana e afro-
brasileira na escola**. Volume 1, 2 ed UERJ, 2014.

HALL, Stuart. **The Work of Representation , Cultural Representation and Signifying
Practices** . Londres / Nova Deli : Thousands Oaks / Sage , 1997.

_____. **Da diáspora: Identidade e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardiã
Resende. Belo Horizonte/Brasília, Editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil,
2003, p. 346.

_____. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e
Guacira Loés Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras**. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.464-
478, 1995.

_____. **Alisando nossos cabelos**. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artistas
de Cuba. Tradução de Lia Maria dos Santos. Cuba, janeiro, 2005.

_____. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, nº 16, p. 193-210. 2015.

JESUS, Ilma Fátima de e Ogunbiyi, Adomair O. **Educação das Relações Étnico Raciais: Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. São Paulo: Ed. Didática Suplegraf, 2010.

JESUS, Ilma Fátima. **Educação, Gênero e Etnia: um estudo sobre a realidade educacional feminina na comunidade remanescente de quilombo de São Cristóvão, Município de Viana, Estado do Maranhão**. Dissertação de Mestrado. São Luís: Universidade Federal do Maranhão – UFMA, 2000.

JUNQUEIRA, Rogério. Expectativas sobre a inserção de jovens negros e negras no mercado de trabalho: Reflexões preliminares. In: **Dimensões da inclusão no ensino Médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola**. Maria Lúcia de Santana Braga, Edileuza Penha de Souza, Ana Flávia Magalhães Pinto (orgs.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

MATTELART, Armand. **Diversidade cultural e mundialização**. São Paulo: Parábola, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2012.

MUNANGA, Kabengele & GOMES Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. Coleção para entender, São Paulo: Global, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. SEMOG, Éle. **Abdias Nascimento O Griot e as muralhas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti: de objeto a sujeito**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Teoria da Literatura. Orientação: Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte, Belo Horizonte, 2007.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **Poéticas Negras representações do Negro em Castro Alves e Cuti**. Editora Nandyala, 2010.

PARÉ, Marilene. **O desenvolvimento da auto-imagem da criança negra.** Triunpho, Vera (Org.). In: Rio Grande do Sul: aspectos da negritude. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.

RIBEIRO, Djamila. **Simone de Beauvoir e Judith Butler: Aproximações e distanciamentos e os critérios da ação política.** Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Filosofia na Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Orientador: Prof. Dr. Edson Luís de Almeida Teles. Ano 2015. Guarulhos.

RIBEIRO, D. (2016). Prefácio à edição brasileira. In: DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe, trad. Heci Regina Candiani.** São Paulo: Boitempo, pp. 11-13.

SANTOS, Joel Rufino dos - **O que é Racismo?**.São Paulo (Coleção Primeiros Passos). Abril Cultural Brasiliense, 1983.

_____. **Épuras do Social. Como podem os intelectuais trabalhar pelos pobres.** São Paulo: Global, 2004.

SANTOS, Eliane dos. **Desvendando a família negra: exclusão, etnia e identidade social.** Trabalho de conclusão do curso de serviço social da Uerj. R.J.,1999.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da Coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI** / coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón , Muryatan Santana Barbosa-Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar , 2013.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida (e outros), Belo Horizonte: EDUFMG, 2010.

WERNECK, Jurema.Cadernos Criola. **Sáude da Mulher Negra**, S.P. 2002.

_____. **Vivendo de amor.** Tradução Maisa Mendonça. In: WERNECK, Jurema. R.J.2006.

ZANLOCHI, T. S.. (orgs). *As veias negras do Brasil: conexões brasileiras com a África.* Bauru, SP; EDUSC, 2017; p. 45-78.

STEPAN, NL. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online].** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection, p. 330-391. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

YAGÜE, Joaquín. **Maurice Merleau-Ponty y la Fenomenología**. Crisis (1970): 115-242.
- (1971). Merleau-Ponty y la Fenomenología. Madrid: Augustinus, 1970.

OUTRAS FONTES

<[Https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm](https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm)>

<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526
:-estudo-mostra-desigualdades-de-genero-e-raca-no-brasil-em-20-
anos&catid=10:disoc&directory=1

<http://www.iscsp.ulisboa.pt/~cepp/autores/franceses/gobineau.htm>

<http://virusdaarte.net/tarsila-a-negra/>

[http://www.brasil.gov.br/governo/2014/03/pl-de-cotas-em-concursos-federais-e-
aprovado-na-camara](http://www.brasil.gov.br/governo/2014/03/pl-de-cotas-em-concursos-federais-e-aprovado-na-camara)

<https://dicionariodoaurelio.com/estigma>

[https://www.webartigos.com/artigos/estigma-uma-analise-sobre-a-situacao-da-pessoa-
estigmatizada/63586](https://www.webartigos.com/artigos/estigma-uma-analise-sobre-a-situacao-da-pessoa-estigmatizada/63586)

<https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2013/11/06/luiz-silva-cuti-entrevista/>

ANEXOS

- Anexo 1: Projeto de Lei sobre cotas é aprovado na Câmara

Em regime de urgência, Projeto possibilita reserva de 20% das vagas para negros em concursos públicos federais. Ministra Luiza Bairros comemorou a decisão publicado: 27/03/2014 11h34, última modificação: 22/12/2017 21h36

O Projeto de Lei (PL) 6.738/2013, que propõe a reserva aos negros de 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos federais, foi aprovado nesta quarta-feira (26) pelo plenário da Câmara dos Deputados. O PL foi aprovado por 314 votos a 36 e seis abstenções à criação de uma reserva de pelo menos de 20% de vagas para negros em concursos públicos.

A ministra Luiza Bairros comemorou a decisão da casa legislativa: "A aprovação no plenário da Câmara dos Deputados reafirma a vontade do poder público de não se omitir diante de desigualdades históricas. Por iniciativa do Executivo, demos mais um passo muito importante para a inclusão da população negra. Com isso, quem ganha é a sociedade brasileira como um todo", disse a gestora, que se encontra em viagem oficial no Rio de Janeiro.

Durante o debate, a maioria dos parlamentares defendeu as cotas como ação afirmativa eficaz para a reparação dos danos causados à população negra ao longo da história do Brasil. Durante os discursos, foi lembrado o sucesso das políticas de cotas nas universidades e das leis de cotas para concursos públicos já instaladas nos estados e municípios. Os deputados rejeitaram as propostas de emenda que ampliavam para 30% a reserva de vagas destinada a negros e negras, incluindo indígenas, e a que ampliava o alcance da lei a cargos.

O PL reserva vinte por cento das vagas oferecidas para cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União. O projeto de lei propõe a vigência pelo prazo de dez anos e não se aplicaria aos concursos cujos editais já

tiverem sido publicados antes de sua entrada em vigor. Segundo o projeto, os negros aprovados nas vagas gerais não serão computados como cotistas, dando espaço para um novo candidato preencher a vaga (saiba mais aqui).

Pelo menos quatro unidades da Federação fazem uso desta política de ação afirmativa no país (Mato Grosso, Paraná, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) e 44 municípios já têm aprovadas leis correlatas.

Senado

Para o secretário-executivo da SEPPIR, Giovanni Harvey, a expectativa era positiva em relação à aprovação do PL na Câmara e ainda agora quando será encaminhado ao Senado, devido à cobrança da sociedade em relação aos casos recentes de racismo. "Esse projeto é uma vitória de todos, da sociedade brasileira, do parlamento, que representa os interesses da sociedade brasileira", disse, afirmando ainda que o projeto deve ter boa aceitação no Senado.

"O presidente do Senado já deu declarações de que, assim que o projeto chegar ao Senado vai tomar providências para que ele seja submetido à apreciação e tramite com a maior brevidade possível".

CCJ

Pela manhã, o projeto passou por análise da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ), sendo aprovada com apenas três votos contrários, provindos dos deputados Alexandre Leite (DEM/SP), Marcos Rogério (PDT/RO) e Marcelo Almeida (PMDB/PR). Os dois últimos chegaram a apresentar voto em separado com questionamentos sobre a constitucionalidade do projeto.

O relator da pauta, Leonardo Picciani (PMDB), destacou a importância do PL como política de reparação e lembrou os números apresentados pelo Governo Federal no projeto em que explicita que a população negra representa 50,74% da população total do País, mas que no Poder Executivo federal a representação cai para 30%.

"Nós não podemos negar a nossa história. Fomos o último país do mundo ocidental a abolir a escravatura. Se fizermos um corte, há uma prevalência da população branca. O projeto vem no sentido de corrigir esta distorção. É inegável que ela existe, os números não mentem, eles são exatos. Ocorre esta distorção, fruto da nossa história. E nós precisamos nos reencontrar para corrigir o futuro. O que se busca aqui é a correção do futuro", disse Picciani na leitura final do parecer. A CCJ analisou apenas a constitucionalidade do projeto e das emendas apresentadas.

Fontes:

[Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial](#)

<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/03/pl-de-cotas-em-concursos-federais-e-aprovado-na-camara>

- Anexo 2: Ideia de universidade para todos não existe', diz ministro da Educação
[28/01/2019 às 05h00 41]

Este trecho é parte de conteúdo que pode ser compartilhado utilizando o link <https://www.valor.com.br/brasil/6088217/ideia-de-universidade-para-todos-nao-existe-diz-ministro-da-educacao> ou as ferramentas oferecidas na página. Textos, fotos, artes e vídeos do Valor estão protegidos pela legislação brasileira sobre direito autoral. Não reproduza o conteúdo do jornal em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização do Valor (falecom@valor.com.br). Essas regras têm como objetivo proteger o investimento que o Valor faz na qualidade de seu jornalismo.